

ASPACE

CNF

6514/81

1/1

CONFIDENCIAL

ASP/SNI

008514

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

15 SET 78 03552

A.C.E.

AGÊNCIA CENTRAL



ENCAMINHAMENTO Nº 136 /19/AC/78

DATA : 13 SET 78
ASSUNTO : MOVIMENTO TEATRAL - II ENCONTRO ESTADUAL DE TEATRO EM PORTO ALEGRE/RS
ORIGEM : PRG 19494/78
DIFUSÃO : ASP
ANEXO : Cópia xerox da Infão 119/APA/78.

Encaminha-se o documento em anexo, relativo a atuação de RUTH ESCOBAR e outros, no II Encontro Estadual de Teatro (II EET), em Porto Alegre/RS, no período de 08 a 13 Ago 78.

* * *

TODA PESSOA QUE TOMAR CONHECIMENTO DESTE DOCUMENTO FICA RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (RSAS).

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

S. N. I.
AGENCIA CENTRAL

019494 -5 SET 78

PROTOCOLO



PRESIDENCIA DA REPUBLICA

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA DE PORTO ALEGRE

INFORMAÇÃO Nº 119 / 119 / APA / 78

D A T A - 04 SET 78
ASSUNTO - MOVIMENTO TEATRAL - II ENCONTRO ESTADUAL DE TEATRO EM
PORTO ALEGRE/RS
REFERÊNCIA - INFÃO 561/119/APA/77 DE 28 SET
ORIGEM - APA/SNI
DIFUSÃO - AC/SNI
ANEXO - Ver item 4

1. De 08 a 13 ago 78 a Diretoria de Atividades Culturais da Assembléia Legislativa/RS, promoveu no auditório daquela instituição, através de seus dirigentes NICEJA BRASIL e CARLOS CARVALHO, o II Encontro Estadual de Teatro - II EET, com a finalidade de promover um encontro do público com profissionais de teatro do RS e de outros estados, entre eles RUTH ESCOBAR, LÉLIA ABRAMO, GIANNI RATTO e FLÁVIO RANGEL. RUTH ESCOBAR e LÉLIA ABRAMO proferiram palestras de conteúdo político-ideológico contrário ao Regime Político Atual do País.

A respeito das conferências de GIANNI RATTO e FLÁVIO RANGEL esta AR não possui outros dados a não ser o publicado pela imprensa (anexo a).

2. O II EET teve seu início em 08 ago 78, com a alucução, de caráter político-partidário do Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Deputado Estadual do MDB/RS, NIVALDO SOARES. Logo após a atriz RUTH ESCOBAR proferiu a palestra de abertura criticando o Regime Político do País, a situação sócio-econômico brasileira, autoridades e instituições públicas, a censura e a Lei que regulamentou a profissão de artistas. Destacou, ainda, a necessidade de se fazer um teatro "engajado", "revolucionário" e de "resistência", voltado para as classes trabalhadoras

(Cont. na fl. nº 2)

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(Continuação do INFORMAÇÃO Nº 119/119 / APA / 78 - fl. nº)



e objetivando a mudança do Regime Brasileiro. Ao terminar sua palestra colocou-se à disposição dos assistentes para responder perguntas que lhe fossem formuladas, inclusive de cunho político-partidário. Em seguida fez a leitura do documento da Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do RIO GRANDE DO SUL - APATEDERGS, cujo posicionamento básico é o seguinte:

- Contra a censura;
- Contra as subvenções do Estado "por faturar politicamente em cima da categoria, tornando-a propagandista do Governo, distanciando-a de sua função social e transformadora"; e
- Favorável a participação da classe na Federação Internacional de Atores, atualmente proibida pelo Ministério do Trabalho (ver anexo b).

3. Em 09 ago 78, a atriz LÉLIA ABRAMO, Presidente do Sindicato de Atores do Estado de SÃO PAULO/SP, procedeu a leitura do Boletim nº 1 da "Comissão Permanente de Luta pela Liberdade de Expressão" - CPLPL, e da "CARTA ABERTA AO POVO BRASILEIRO", firmados por representações das classes artísticas e culturais do BRASIL, onde destacam-se as seguintes palavras de ordem:

- Respeito à divergência de opiniões;
- Ampla circulação de informações e conhecimentos;
- Liberdade de Manifestação do Pensamento;
- Repúdio às manifestações da censura;
- Repúdio a atual Legislação Sindical ; e
- Direito de Greve (ver anexo C)

4. ANEXOS:

- a) Cópia xerox de recortes de jornais com pronunciamentos dos atores FLÁVIO RANGEL e GIANNI RATTO (04 fls);
- b) Cópia xerox de recortes de jornais com pronunciamentos do Dep. Estadual MDB/RS, NIVALDO SOARES e da atriz RUTH ESCOBAR, e documento da APATEDERGS (15 fls);
- c) Cópia xerox de recortes de jornais contendo texto do Boletim nº 1

(Cont. na fl. nº 3)

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

INFORMAÇÃO Nº 119/119, APA, 78 - fl. nº 3
(Continuação do)

da CPLPL e da "CARTA ABERTA AO POVO BRASILEIRO" e pronunciamentos de
LÉLIA ABRAMO (08 fls).



CONFIDENCIAL

13 Ago
JORNAL: ZERO HORA
CIDADE: PORTO ALEGRE
DATA: 13 AGO 78 PAG: _____

Gianni Ratto: É preciso retomar a palavra e partir para o diálogo

Gianni Ratto foi o terceiro palestrante do II Encontro Estadual de Teatro. Italiano de nascimento e brasileiro de coração, Gianni veio para o Brasil em 1954, a convite de Maria Della Costa e Sandro Polônio que visitavam a Itália, na época. Iniciando-se em 32, como cenógrafo no Piccolo Teatro, chegou aqui com toda uma carga cultural que posteriormente colocou em prática tanto em cenografia como em direção. O panorama teatral não possuía uma fisionomia nacional", disse Gianni "e o que se encontrava era um teatro comercial ou elitista, ou o chamado popular que era o teatro de revista em moldes internacionais, mas feito por artistas de grande talento como Procópio Ferreira. Quer dizer, era o TBC, o Teatro Nacional de Comédia que conseguiu fazer alguma coisa, porém, extremamente elitista e nem um pouco interessado nos autores, e funcionando como uma torre de marfim onde o interesse pessoal era determinante".

Em pouco tempo, foram montadas várias peças e Gianni trabalhou com a própria Maria Della Costa, Cacilda Becker, Fernanda Montenegro, Sergio Brito e Fernando Torres. Este foi um momento onde o teatro passava a se avizinhar com a procura de caminhos nacionais para a cultura brasileira. Com a fundação do Teatro Novo, no início dos anos 60, de onde saíram Antonio Mitchell, Ivan Seta e Ana Maria Taborda, que durante algum tempo trabalhou com Gianni surgiram no Brasil as experiências formais, o teatro experimental. O Teatro Novo, era na verdade um Centro de Cultura, pois abrigava também manifestações, como arte plásticas e jorralismo e foi fechado exatamente pelas atividades e o jornalismo. "Na época, nós tínhamos, não que não subessessemos da realidade que nos rodeava, mas tínhamos uma preocupação com



Gianni Ratto

a perfeição do espetáculo. Não só no Teatro Novo, mas no Teatro Sete criado naquela época, também não havia uma urgência de preocupação política, havia, isto sim, uma preocupação com a alta perfeição formal. Também nesta época fui à Bahia fazer teatro com um pessoal muito bom, que veio a dar no Cinema Novo como Othon Bastos, por exemplo. Paralelamente, surgiam o Teatro de Arena de São Paulo, com Guarnieri, Vianinha, Boal, e Paulo Pontes, buscando uma linguagem nacional, e o Oficina, trazendo novas propostas formais e estéticas. Mas por razões e pressões políticas e de censura, todo o andamento foi estacozado".

Hoje, Gianni vê as coisas diferentes: "Eu ultrapassei a fase estética, hoje, dou mais importância à palavra, ao conteúdo, porque me sinto muito vivo apesar dos meus 62 anos e acredito que o teatro por este caminho alcançará sua verdadeira dimensão, que é

conversar com o público "Gota d'água", que dirigi, eu sabia da importância da palavra, da dimensão humana e até mesmo dos versos, da métrica utilizada por Chico Buarque e Paulo Pontes. Tanto eu sabia, que me isentei de uma direção criadora para que a montagem fosse mais uma leitura dramática em forma de espetáculo. O texto precisava ser dito, também por seu valor altamente literário e popular. E o espetáculo saiu limpo, resultou num trabalho que tocou toda a sorte de públicos. A palavra tinha seu peso exato e eu acredito que o momento histórico atual determina a redescoberta da palavra. É preciso voltar às palavras e fazer um teatro sem enigmas e símbolos, retomar a palavra, partir para o diálogo. Nós precisamos ter em mente que somos intermediários dos autores, na condição de diretores. Eu tenho trabalhado com autores que têm esta visão social do teatro, como Carlos Queiroz Telles, Cosme de Castro e Leilah Assunção. Uma visão específica do momento histórico não vem divorciada da realidade social e o teatro tem que expressar isto, tocando as pessoas. E ela, o que o teatro é elitista, mas são os preços que tornam quase impossível o contato com as classes menos privilegiadas. "Gota d'água" foi assistida e entendida por públicos de subúrbio, mas somente porque os preços puderam ser baixos. O teatro no Brasil, que é um país de contrastes, ainda vai ter muito este problema e por isto é muito mais se diz que o teatro brasileiro está em crise. Eu acho ótimo que esteja, o teatro precisa estar sempre em crise, em movimento para que seja transformador. E a censura é um dado óbvio e precisamos sempre que pudermos, combatê-la, mas os problemas do teatro brasileiro são muito mais profundos e envolvem toda a problemática cultural, política e social".

21 13 Ago
JORNAL: ZERO HORA
CIDADE: PORTO ALEGRE
DATA: 13 A GO 78 PAG: _____

Encontro de Teatro termina com palestra de Flávio Rangel

As peças **Alzira Power**, de Antônio Bivar, **O Duque**, **A Cantora e A Linguíca**, de Dilmar Messias e a palestra do diretor **Flávio Rangel** encerram hoje o II Encontro Estadual de Teatro, promoção da Diretoria de Atividades Culturais da Assembléia Legislativa que vem acontecendo desde a última terça-feira.

Alzira Power é o primeiro trabalho do grupo Luz de Vela, que tem direção de Roberto Oliveira, Júlio César Conte e Rosa Maria Lima no elenco. A peça trata das relações entre uma mulher quarentena e um vendedor de automóveis de 23 anos.

Levado pela mulher (Alzira) a seduzir a, o vendedor de repente se encontra numa armadilha, onde são destruídos vários conceitos seus, em relação ao machismo e o seu modo de encarar o que é "vencer na vida". **Alzira Power** é apresentada hoje às 16 horas.

O Duque, **A Cantora e A Linguíca**, do gaúcho Dilmar Messias é o único texto inédito do Encontro. Apresentada pelo Grupo Atossereno, com Lurdes Elói, Chibé, Serginho, Fernando Zimpeck e Luiz Abreu no elenco dirigido pelo autor, a peça conta três histórias populares de Porto Alegre por volta de 1800, registradas por cronistas e historiadores. A primeira história, **O Duque do Triunfo**, é sobre a figura de um professor que um dia levou uma pancada na cabeça, adotou o nome de Gorpo-Santo e começou a escrever estranhas peças. Apesar de sempre alegar sua sanidade, foi internado num hospício no Rio de Janeiro. As comédias de Gorpo-Santo foram representadas pela primeira vez 100 anos depois de terem sido escritas. A segunda é **A Companhia Lírica**, que aborda a inauguração do Teatro São Pedro e a estréia da Companhia Lírica Italiana, da qual faz parte a soprano Teresina Bayetti. O climax acontece quando ela é valada em pleno palco do São Pedro, no dia do festival em seu benefício e, como sempre acontece, teve um chilique.

O terceiro episódio é **O Acougue da Rua do Arvoredo**, fato muito conhecido dos habitantes de Porto Alegre. É a história do casal, dono de um acougue, muito procurado pelas linguícas que vendia. Após certo tempo, descobriu-se que a linguíca era de carne humana, das vítimas assassinadas friamente pelo casal.

O Grupo Atossereno tem entre seus trabalhos a montagem de **A Ferra dos Girassóis** (1973), **A Tragicomédia de Dom Cristóvão e da Srta. Rosita** (1974), **Jota Violão na Terra dos Girassóis** (1975), **Hoje E Dia De Rock** (1976), **O Homem Que Não Quis Morrer** (1977) e **Que Lugar É Esse** (1978). A apresentação de **O Duque**, **A Cantora e A Linguíca** está marcada para 21 horas.

O último palestrante do Encontro, Flávio Rangel, é um dos mais experimentados diretores do teatro brasileiro. Seu primeiro trabalho foi com a comédia **Do Mundo Nada Se Leva**, para o grupo estudantil. Depois veio **Do Outro Lado da Rua**, com Augusto Boal e Raul Cortez no elenco. Mas seu primeiro destaque foi com a peça **Gimba**, de Guarnieri, que lhe valeu um prêmio de revelação de diretor. Após esta montagem, exerceu a função de diretor artístico do Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, onde saiu em 1963, se transferindo para o Rio de Janeiro. Seu principal objetivo como diretor — montar peças de crítica social para um público numeroso — ele conseguiu em quase todas as montagens que dirigiu. Entre elas, **Liberdade, Liberdade** — sucesso nacional produzido e encenado pelo Grupo Opinião, do Rio de Janeiro, **A Semente**, **Edipo Rei**, **Um Honde Chamado Desejo**, **A Margem da Vida**, **A Morte do Calzeiro Viajante**, e os controvertidos **Pippin** — com Marília Pera — e **Tudo Bem No Ano Que Vem**, que alguns afirmam ter tido sucessos meramente comerciais. Flávio Rangel, 43 anos, mais de 40 peças encenadas, é um diretor que acredita num teatro de preocupação política e social, que questione e analise a realidade em que vivemos e, às 19h, ele dá sua visão do teatro no Brasil, com suas perspectivas e problemas.

24 15 Ago 78
JORNAL ZERO HORA
CIDADE 13 AGO 78

Flávio Rangel: "Público de teatro não merece ser agredido"



Flávio Rangel foi o último palestrante do II Encontro Estadual de Teatro, encerrado domingo com a apresentação de O Duque, A Cantora e A Língua, de Dilmir Messias, pelo grupo Ato-sereno. Um público pequeno, mas atento, ouviu domingo à tarde o diretor falar de sua carreira — seus fracassos, sucessos e dificuldades — e dos seus pontos de vista sobre o teatro brasileiro.

Rangel, que em 78 completa 20 anos de carreira, tem muito a contar sobre o teatro brasileiro: "Fui o primeiro diretor brasileiro a ser contratado pelo Teatro Brasileiro de Comédia. Foi chamado para reerguer o TBC e fiz uma política de teatro fundamentalmente nacionalista. Em 1959, eu havia dirigido uma peça de Guarnieri, Gimba, que foi um sucesso espetacular. Fomos a Paris, Roma, Lisboa e o espetáculo participou do Festival de Teatro das Nações, onde Guarnieri ganhou o prêmio de melhor obra popular".

Após voltar desta excursão foi que Flávio Rangel recebeu o convite para dirigir o TBC, onde ficou três anos, e encenou O Pagador de Promessas, de Dias Gomes, Leonor Sem Dona, de Gonçalves Dias, A Semente, de Guarnieri, entre outras.

— Naquela época, o TBC era considerado o templo da burguesia paulista. E eu montei lá peças como O Pagador de Promessas e A Semente, que falavam de um processo político e social. Daí a importância do TBC, que não ficou amordaçado e intimidado pelo tipo de público que tinha. A única falha que o TBC teve — falha que naquele momento ninguém comentava — foi a de não ter propiciado uma dramaturgia nacional importante".

Flávio Rangel preocupou-se com a formação de uma dramaturgia nacionalista: "Vi muitos caminhos, tendências, choques de opinião nesses anos em que estou engajado com o teatro. Não estou falando das teorias estéticas, porque como diretor, procurei aproveitá-las. Mas acho importante que dentro dessas correntes se crie uma dramaturgia nacional. O teatro brasileiro, se não tivesse sido impedido pela censura, pelo resumo, seria um dos mais brilhantes do mundo. Mas não se pode usar a falta de liberdade como desculpa para não se criar nada.

Devemos sempre tentar fazer o máximo dentro do mínimo permitido". Como exemplo Flávio Rangel cita Gota D'Água, O Último Carro e Poeta de Partida "que são textos populares, que refletem uma realidade nacional sem serem panfletários".

Por volta de 1960, as grandes companhias foram se dissolvendo e começou uma época de produção independente, que originaram o surgimento de grupos como o Oficina e o Opinião. Com este último, Flávio produziu e encenou Liberdade,

Liberdade, dele e de Millôr Fernandes, que depois de ser grande sucesso nacional, foi encenada em 21 países: — Liberdade, Liberdade é uma peça sobre libertidades, sobre os assassinos da liberdade. Foi escrita para a época (1965) e não sei até que ponto ela agradaria se fosse remontada agora.

Nos anos seguintes, ele assinou a direção de inúmeras montagens, entre elas O Sr. Puntila e Seu Criado Motin, de Brecht, Édipo-Rei, uma co-produção com Paulo Autran "porque ninguém mais quis produzir", A Morte do Catzeiro Viajante, de Arthur Miller, também com Paulo Autran no elenco, Os Inconfidentes, de Cecília Meireles, apresentada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, A Margem da Vida, de Tennessee Williams, Esperando Godot, de Beckett, A Capita, Federz, de Arthur Azevedo, Pippin, um musical que fala de um biggie medieval.

Isto para dar um exemplo da quantidade e qualidade de seu trabalho, porque enumerar todas as peças que ele dirigiu é difícil, uma vez que são mais de sessenta.

Rangel é da opinião que o teatro, além das necessidades artísticas e de comunicação humana, tem como objetivo ser uma plataforma de debates: um lugar onde alguma coisa é dita, onde uma mensagem é transmitida. Por isso, sempre se filiou a corrente da razão, aquela onde a palavra tem uma predominância maior.

— De 60 até 71, mais ou menos, pessoas que pensavam como eu, entre elas Paulo Pontes, Oduvaldo Vianna Filho, Guarnieri, e Ferreira Gullar, ficaram um pouco marginalizadas. Porque nessa época, o teatro procurou tentativas de utilizar outros recursos: a expressão corporal, a agressão. Foi a época do teatro de agressão, uma moda que se alastrou pelo país, e que eu acho que afastou muito o público do teatro.

Porque sempre encarei o público como amigo. Uma pessoa que sai de sua casa, paga ingresso para ver nosso trabalho, para dialogar conosco, não merece ser agredida.

Foi uma época difícil para Flávio. Desempregado, depois de passar um tempo na prisão por seu posicionamento político, "vi obrigado a virar jornalista e então escrevi para o Pasquim. Quase que fui preso de novo". Mas depois as coisas melhoraram. Foi convidado para dirigir o Teatro da Marcheta, onde encenou Pippin e O Santo Inquérito. Atualmente, ele tem duas peças em cartaz: Investigação na Classe Dominante, uma adaptação que faz de uma peça de Priestley, em São Paulo, e Fat Esquero Mas eu Canto, no Rio, um espetáculo de músicas e poesia.

O original deste documento (com 01 folha) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Gianni Ratto, cenógrafo italiano de nascimento e brasileiro de coração, esteve em Porto Alegre na semana passada, a convite do II Encontro Estadual de Teatro. Falou como tantos outros na liberdade de expressão e desejou a morte da censura, além da importância da volta da palavra ao palco.



GIANNI RATTO

"Sem poder falar às claras, o teatro está morto"

Um equívoco comum que se encontrasse casualmente com o cenógrafo Gianni Ratto, provavelmente lembraria-se de qualquer figura de profeta, ou algo como um retrato antigo, sem artifícios, desses raros de se ver. Talvez pela barba quase branca, pelos cabelos longos e cinzas, pelo suéter gola rolê também cinza.

Quem sabe pela forma direta, clara e tranqüila como coloca sua posição frente a debates e contestados temas dentro do Teatro Brasileiro: a censura e a liberdade de expressão. Quem sabe, também, por ser esta a primeira vez que o italiano vindo há 24 anos do Teatro Piccolo de Milão, resolveu descer o Brasil, chegar a Porto Alegre e se fazer conhecer pessoalmente pelo público no II Encontro Estadual de Teatro promovido pela Assembleia Legislativa.

Quem sabe ainda por ter sido um entre muitos estrangeiros que aqui chegaram e não puderam evitar a pergunta: "Onde estão os autores nacionais?" Na época estavam todos escondidos entre papéis, pedindo pelo amor de Deus para serem encenados. Hoje, são conspurcados pelas traças nas gavetas dos censores.

O seu primeiro trabalho foi a imediata leitura de obras nacionais, entrar em contato com pessoas, artistas, formar grupos e iniciar a tão chorada oportunidade. No entanto, o trabalho não durou por muito tempo. Os primeiros espetáculos começaram barrando a intenção: era a censura.

E chegou tão forte, tão ameaçadora que o teatro não teve

outro remédio senão encontrar um refúgio. Assim, de repente, o público brasileiro se viu invadido pela metáfora encenada em palco. "Era uma verdadeira avalanche de peças enfiadas num hermetismo de linguagem, falado e praticado um código restrito a intelectuais iluminados. Era a ver dos autores de atitudes panfletárias que tiravam das lições de Brecht um meio de sobrevivência à arte".

No entanto, numa simples comparação, Ratto diz que o teatro brasileiro teve mais sorte do que o italiano na época do fascismo. Seja porque conseguiu ser mais forte, mais pungente na sua forma, seja pela maneira como passa por cima da censura dizendo o que tem para dizer.

Mas mesmo com as má-formas que se descobriu para deixar a censura de lado, o teatro só conseguiu romper com a moldura a partir de "Gota D'Água", montada pelo próprio Gianni, em 1976, no Rio de Janeiro. Foi a volta da palavra ao palco. A volta das coisas às claras ao público.

Isto é, a redescoberta da palavra. A importância da fala dentro do espetáculo. Da necessidade de colocar a literatura no texto. De tirar o gesto como primeiro plano e de fazê-lo entrar em sintonia com a palavra, como algo que a torna mais forte, como algo de lá.

O gesto na realidade já estava se tornando a parte essencial de qualquer peça e a palavra passivamente expectada. Tudo porque existe uma censura que é implacável e que não perdona. E, da mesma forma que "Gota

D'Água", existem outros espetáculos que só poderão ser encenados e entendidos se tiverem a palavra como base.

A importância da fala coincide na necessidade que se tem de voltar a dizer coisas, não mais como meras conjecturas, mas como fatos, como formas concretas que existem e devem ser colocadas a público. O teatro estava entregue a comparações, a meias palavras que não eram ditas.

Mas, além da palavra, da censura e das pressões políticas por ela exercida, o teatro brasileiro ainda tem muitos problemas. A falta de condições econômicas é uma delas. É preciso que muitos artistas se sujeitem ao trabalho de televisão para conseguir fundos e montar espetáculos.

O próprio público fica reduzido a uma elite por uma condição também econômica. E prova disso foram as incógnitas pensadas que ficaram do lado de fora da Assembleia Legislativa na sexta-feira última, quando lá dentro se discutiam problemas de censura e liberdade e, apresentava-se um espetáculo com entrada franca.

Assim, "num país de grandes contrastes, o papel do ator não é só de representar mas de ser um mediador entre o autor e o público, alguém que leva ao palco os problemas de sua época. Que mostre a crise e que tem crise. Porque esse sempre foi o papel histórico do teatro, de acompanhar a época em que vive, de dizer as coisas que acontecem, de mostrar uma realidade. Para como ele está morto".

SONAIRELL	COMMISS	ZERO HORA	NOTIV ,KASIVERT
SCHNIEBU	CIDADES	BOBNA ALEGRE	RECHNEV ,ACCRET
SOMITOLA	5 X 11	8 X 11	ERTIV ,KASIVERT
			MARRU ,KESCHRT

Teatro começa a ser discutido hoje no II Encontro Estadual

ERRELL A se nasocialispa -
 EMIBITV A CIA haligon: proIV -
 EDW. ENI A refimen: proIV -
 ESTERIV A CIA refimen: proIV -
 ...
 ...
 ...

Inicia hoje o II Encontro Estadual de Teatro, promovido pela Diretoria de Atividades Culturais da Assembleia Legislativa e organizado por Nicéla Brasil e Carlos Carvalho. A iniciativa de promover um encontro do público com profissionais de teatro do Rio Grande do Sul e de outros Estados, no qual se tivesse oportunidade de debater os problemas, desafios, objetivos e esperanças do teatro brasileiro teve tão grande aceitação do público no I Encontro, realizado de 12 a 27 de setembro passado, que além de surpreender os organizadores, os motivou a organizá-lo também este ano.

ESTIMA ORICION , BRUBES
 OLIMICO , ABENIC
 TONRADO , ATLENDO
 ...
 ...
 ...

A idéia surgiu a partir de um pedido da presença da Assembléia de que fosse feita uma promoção que reunisse capital e interior e fosse a portas abertas, sem cobrar ingresso, a fim de que todo o povo pudesse participar. Então, Nicéia Brasil e Carlos Carvalho começaram a pensar em alguma promoção nessas condições: "Nós, inicialmente, pensamos em algo ligado à música, mas não seria novidade. A única inovação seria em termos de teatro, que interessa a todos. Então, passamos para a fase de pôr as idéias em prática", explica Nicéia.

Foi estabelecido o critério de que o encontro não teria caráter competitivo. Não seria um festival, em que grupos e autores concorressem visando a prêmios ou dinheiro. Desde o início, um aspecto ficou claro: seria um encontro, uma oportunidade de se reunir para discutir teatro, assistir a peças e participar de palestras e debates, visando unicamente a dar uma contribuição cultural ao público porto-alegrense e uma oportunidade de os grupos profissionais ou não mostrarem seu trabalho. Os grupos apenas receberiam uma ajuda de custo, e ficou estabelecido de que os textos seriam nacionais, de preferência de autores gaúchos, por adultos, e em caso de dúvida, teriam preferência os que fossem inéditos ou que tivessem o menor número de apresentações.

O I Encontro foi dedicado à memória de Paulo Pontes e contou com a apresentação de nove peças: Um Edifício Chamado 200, de Paulo Pontes, apreendido pelo Grupo Presença, de Santa Maria; Lá, de Sérgio Jockymann, pelo Grupo Carrossel; O Homem que Não Quis Morrer, de Dilmir Messias, pelo Grupo Absorero; O Choque de Raças, de Hamilton Saralva, pelo Grupo Galáxia, de Cruz Alta, Que Bom Que Isso Não É Comigo, uma criação coletiva do Grupo Grazi; Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, com o Teatro Vivo de Santo Ângelo; Muro de Arrimo, de Carlos Queiroz Telles, por Fênix Produções Artísticas; A Morte, de Oswald de Andrade, pelo Núcleo Alternativa e (De)Colagem, de Luiz Arthur Nunes e Caio Abreu, com o Grupo Seraphim. Além dos espetáculos, houve uma exposição sobre Teatro em Porto Alegre/77, teatro de fantoches e apresentação ao vivo das músicas da peça Lenda no Vale da Lua, de João das Neves, no vestíbulo da Assembléia. E importantes figuras do teatro nacional compareceram para dar palestras e conferências. No correr do Encontro, Plínio Marinho — cuja palestra abriu a promoção — Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri, Carlos Queiroz Telles e Fernando Peixoto falaram sobre a situação do teatro no Brasil.

A participação do público foi imensa no I Encontro. Mais de mil pessoas por espetáculo compareceram ao Auditório da Assembléia (tem lugar para 584), fato que excedeu até as expectativas mais otimistas dos organizadores. Tanto que

a peça Morte e Vida Severina teve que ser re-presentada, por pedidos insistentes dos que não conseguiram lugar por ocasião da primeira apresentação.

No final do Encontro, foi "estribado" um questionário para o público, no qual se pediu sua opinião do acontecimento, sugestões e dados pessoais, para que fosse feito um levantamento de que tipo de público o Encontro conseguira atingir. E ao ser estudado o resultado outra surpresa: as profissões, e consequentemente o nível de educação, econômico e social eram os mais diversos possíveis. O público do I Encontro Estadual de Teatro do Rio Grande do Sul não era composto apenas de universitários, intelectuais e gente ligada ao setor. Entre os milhares de espectadores, havia operários, donas de casa, empregadas domésticas, estudantes e profissionais liberais, o que mostra e comprova de que o público para teatro existe. De que o povo quer participar, discutir, debater, entender o que está acontecendo em termos culturais não só no Estado, mas em todo o país.

REFERÊNCIA

O I Encontro Estadual de Teatro, teve multi repercussão nos outros centros, como Ilhéus e São Paulo, principalmente através dos próprios palestrantes. Dias Gomes foi um que afirmou ser o Encontro um dos acontecimentos mais importantes de 77, pelos problemas levantados, pela participação do público que compareceu a um acontecimento de portas abertas, promovido por uma instituição oficial, como a Assembléia.

A programação do I Encontro, assim como a deste ano, é dosada para apresentar uma visão geral do que está sendo feito, em termos teatrais, abrangendo Porto Alegre e cidades do interior. Porque a exposição que vai acontecer todo o tempo no vestíbulo é sobre o Teatro em Porto Alegre, principalmente o que foi feito neste ano; os grupos são da capital e do interior e com a participação dos grupos, o encontro é estendido a todo o Estado. E com a presença de profissionais de outros centros, é feito um intercâmbio cultural, uma troca de sugestões, idéias e opiniões.

Como no ano passado o público exigiu através do questionário, mais palestras com profissionais gaúchos sobre o trabalho que vêm desenvolvendo, este ano foi organizada uma mesaredeção (vai ser dia 10, quinta-feira) somente sobre o teatro gaúcho, da qual participarão Ivo Bender, Antonio Holtefeldt, Sapirán Brito, Zé Abreu, Clarissa Castilhos, Cláudio Bechler e Marise Saueressig. Todos profissionais bastante conhecidos do público do Rio Grande do Sul, que lutam para que o teatro feito aqui ganhe cada vez mais impulso e maior reconhecimento no resto do país.

O Encontro hoje será aberto com uma palestra de Ruth Escobar, uma das figuras mais potentes

do teatro nacional. E entre os convidados para os debates estão uma atriz que possui enorme bagagem de teatro e televisão — Lúcia Abramow (alemã), dois diretores, Flávio Rangel (Liberdade, Liberdade; Pippin; Um Bode Chamado Desejo, Edapo-R; A Marçom da Vida) e Gianni Ratto (Gota D'Água) e um ator, Renato Borghi, que tem longa experiência adquirida nos palcos do Oficina do Rio de Janeiro.

Além das já citadas exposições e mesaredeções, serão apresentadas nove peças, todas as quais são de autores gaúchos, e com dois grupos do interior. Todos os grupos participantes recebem uma ajuda de custo de Cr\$ 10 mil, pois o caráter não-competitivo foi mantido. As 21h de hoje será apresentada A Farsa da Esposa Perfeta, da gaúcha Edy Lima, pelo Grupo Ato e Ação. Fundado em 1975 por Jurandir Alliali, este grupo tem em seu currículo a montagem de uma pantomina, também chamada Ato e Ação, e de uma peça infantil chamada Histórias Para Oinar. O espetáculo de abertura aborda a transformação do gaúcho quando vem do campo para a cidade grande, a alteração que ocorre em seus valores e comportamento. Ela foi apresentada em dezembro pelo mesmo grupo no Auditório do Instituto de Artes da UFRGS, com direção de Llamá Villas-Bôas.

Sangue na Laranjada, um dos espetáculos teatrais mais assistidos deste ano, é a segunda peça programada. Ela será mostrada amanhã às 16h, numa montagem do grupo Seraphim. Dele fazem parte Luiz Arthur Nunes (diretor), Narciso Keiserman, Zé Abreu, Guto Pereira e Graça Nunes, nomes bastante conhecidos que já atuaram em A Salamanda do Jarau, Movimentos e Inspirações, Serafim-Fim-Fim e outras.

Os outros espetáculos programados para o II Encontro são A Outra Face da Moeda, de Elson D'Aquino, montada pelo Grupo Seda, do qual ele

é o diretor e fundador. O Grupo Seda surgiu em 1974, em Novo Hamburgo e depois se transferiu para Porto Alegre. Entre suas montagens estão O Pagador de Promessas, Delirando A 24, Muntandano, O Rapto das Cebolinhas, A Revolta dos Brinquedos, Dia 10, quinta-feira, o Grupo O Nôis Aqui Traveis apresenta A Divina Proporção, de João Vieira, que atualmente está em cartaz no Diretório da Faculdade de Arquitetura. Greta Garto Quem Dizia Acabou No Irajá, de Fernando Mello, encenada pelo grupo Presença, de Santa Maria está programada para o dia 11, às 21h. O Presença é um grupo que já tem dez anos de atividades e tradicional em Santa Maria. Dirigido por Pedro Freire Junior, participou também do I Encontro.

Clube das Enfermeiras, de Flávio Braga e Apaga a Luz e Faz de Conta Que Estamos Bebados, de Ronald Radde, são apresentadas dia 12, às 16h e 21h, respectivamente. A primeira é uma montagem do Grupo Casulo, fundado pelo autor no ano passado. Este é seu segundo trabalho, e o primeiro foi Supermercado, também de Flávio Braga. A peça de Ronald Radde é um trabalho do Grupo Magnus, do Novo Hamburgo; grupo semiprofissional, dirigido por Dulair Krumboltz, foi criado em 1974 e entre seus trabalhos estão A Fossa, Trans — ambas de Ronald Radde — Presépio Vivo, e Pra Cada Conceito Mil Preconceitos, de Everton Leonil.

O Encontro encerra dia 13, com Alzira Power, de Antonio D'Alva às 16h e O Duque, a Cantora e A Linguça, de Dilmir Messias, às 21h. Alzira Power é montada pelo Grupo Luz de Vela, dirigido por Roberto Salerno de Oliveira, e tem nesta peça seu primeiro trabalho. O texto de Dilmir Messias, e único do Encontro, é uma montagem do Grupo Absorero, responsável por Os Saltimbanos e O Homem que Não Quis Morrer, montada no Encontro do ano passado.

Primeira palestra é de Ruth Escobar

Ruth Escobar, convidada pelos organizadores do II Encontro Estadual de Teatro para dar a palestra de abertura, e atriz, diretora, produtora e empresária. Ruth Escobar sempre lutou para fazer um teatro sério, real, sem mistificações, o que motivou o diretor José Celso Martinez Correa a comentar: "É a única que não faz teatro só com o coração, mas também com as viacrças". Isso porque ela acredita no que faz, na importância de seu papel dentro do teatro brasileiro, fato provado com "O Balcão", "Cemitério de Automóveis", "Torre de Babel", montagens que produziu e nas quais atuou.

Para Ruth, fazer teatro no Brasil é um ato cada vez mais heróico. E explica por que:

— Houve um tempo em que a esquerda brasileira me chamava de elitista e reacionária. Teatro proletário? Ora, o Brasil nunca teve uma cultura proletária. O que eu sempre fiz foi um teatro para uma elite, uma vanguarda, mas algo para mudar esta vanguarda. O meu trabalho deixou sempre a possibilidade de assimilação de um universo novo que, num segundo momento, pode se tornar um consenso. A meu ver, este é o verdadeiro papel do teatro. E estou certa que do meu trabalho alguma coisa acabará ficando.

NOMINA: ZERRO BRATA
 RUA: PORTO ALEGRE
 DATA: 20/08/1977

Ruth Escobar:

"Não tem sentido fazer um teatro para elite"



"O que acontece é que nos últimos anos o teatro brasileiro se descaracterizou e deu lugar a um teatro comercial, a um teatro de burguesia que está sendo manipulado pelos empresários, que não estão a fim de resgatar a cultura nacional. O empresário que se acotina, por estarem proibidos os grandes textos brasileiros, é simplesmente um comerciante, que só quer ganhar dinheiro. Então ele vai escolher textos que não comprometam seu capital".

"Fazer qualquer coisa no Brasil que não sirva à classe dominante e um ato heróico. Fazer teatro comercial não é, mas não fazer um teatro que se proponha a representar uma cultura tipicamente nacional e popular. Se não há um teatro que pretenda ser realmente nacional e popular, esse é um teatro heróico, porque defende os interesses do povo. Eu nem sempre fiz. Talvez até 1972 eu tenha feito um teatro elitista. Eram superproduções que hoje vejo como eram incoerentes com a realidade nacional, com a miséria que existe no Brasil e na América Latina".

"Nós estamos caminhando, estamos avançando. Estamos vivendo um momento de confronto. Acho que textos como 'Gota D'Água, O Último Carro' foram um grande avanço na recuperação do teatro baseado na cultura popular. Ano passado, eu fiz um Seminário Brasileiro de Dramaturgia, que durou três meses, e fomos 13 autores proibidos, um por semana. Fizemos a leitura de Calabar, Raaga Coração, Heróica Pancada, textos que eu considero alguns dos mais importantes do teatro brasileiro. Por isso, acho que estamos avançando, e que o teatro está um pouco menos lápedido que há três ou quatro anos. Por que isso teria acontecido antes de 1977? Em 72, por exemplo, a polícia teria fechado o teatro. E mesmo assim nós recebemos ofícios de censura e da polícia federal, dizendo que estávamos infringindo a lei por fazer leituras públicas de textos proibidos. Mas de qualquer modo, é um passo, no sentido de maiores avanços".

"A questão da regulamentação da lei que reconhece a profissão de artista é muito delicada. Não concordo com o processo pelo qual se deu essa regulamentação. Acho que deveria ter sido discutida politicamente pelas pessoas de teatro. E eu sei que muita gente também não está satisfeita. Sei que no Rio

Ruth Escobar, uma das personalidades mais polêmicas do teatro brasileiro, está em Porto Alegre. Ontem ela deu a palestra de abertura do II Encontro Estadual de Teatro, onde abordou o tema da posição do empresário no teatro, sua responsabilidade na escolha dos textos e na montagem de espetáculos sérios que representem a realidade atual e popular. Atriz, diretora e empresária, Ruth Escobar sempre lutou para a valorização da cultura nacional, através da montagem de textos brasileiros, contra a censura e qualquer outro tipo de repressão. Franca e dinâmica, Ruth Escobar tem opiniões corajosas sobre o nosso teatro.

aconteceram algumas assembleias, mas depois a coisa passou a ser transada dentro do Sindicato. Agora, quando a caravana de artistas foi até Brasília falar com o Presidente Geisel, não se deram conta que estavam sendo manipulados, que estavam sendo usados como cabos eleitorais do Aron" e do sistema. E acho isso lamentável, mesmo, e essa lei venha a nos favorecer. Mas também acho que a classe teatral, que sempre esteve ao lado dos trabalhadores, não podia se prestar a esse carnaval. E muita ingenuidade acreditar que pelo fato de ir lá e apertar a mão do Presidente e autoridades, eles iam favorecer uma categoria que sempre esteve em oposição ao governo. É claro que tinha dentro de coelho atrás disso. E penso que no regime em que vivemos, teríamos maior liberdade e campo de ação sem estarmos regulamentados".

"Nunca tive poder em tirar dinheiro do governo, porque acho que o dinheiro que o governo usa é o dinheiro do povo administrado temporariamente pelas que estão com o poder, pelo sistema. E claro, também, que eles não pensam a mesma coisa. Então, quando percebemos que uso as subvenções para colocar no palco textos que vão contra o sistema, não gostam. Mas eu sempre concordei, e vou continuar fazendo, a todas as subvenções que tenho direito, assim como qualquer outro produtor brasileiro".

"Não tenho nada contra quem faz televisão. Só acho que prejudicam o teatro e se prejudicam a si próprios. Mas o artista que não se acha capaz de sobreviver do teatro, tem que apelar para o trabalho na televisão, mesmo que isso implique em representar papéis que para ele

12

ZH 09 75 12

JORNAL: ZERO - HORA

CIDADE: PORTO ALEGRE

DATA: 09/160 78 PAG: _____

são insuportáveis. Apenas acho que a televisão é uma das maiores armas de manipulação do sistema, e quem participa dela, de certo modo está conivente com ele".

"Eu já fiz mais de vinte peças e organizei dois festivais internacionais, em 1974 e 76. Eu ia fazer outro festival ano passado e ia começar este ano junto com "Araras", que está realizando o Festival das Nações. Mas não deu, porque entrei com o Dossie de H. Umaly e eles me negaram permissão. Não explicaram o porquê, mas nem precisava. Nos meus planos mais imediatos, estão a peça Revista do Henfil, do próprio, que estreia agora, dia 25 deste mês em São Paulo. Esta peça tem como personagens os mesmos que o Henfil criou, que são o Bode, a Grauna, o Zeferino. Depois, mais para o fim do ano, estão a montagem de Caixa D'Água, de Carlos Henrique Lacobar e da Feira Brasileira de Opinião, que reúne dez textos brasileiros, dos mais importantes, na minha opinião. O único que ainda não está liberado é O Quintal, de João das Neves. Mas Caixa de Cimento, e os textos de Elias Gomes, Lauro Cesar Muoz e outros, foram liberados com cortes que serão considerados nos ensaios gerais".

"Até 1970, o teatro brasileiro tinha setores mais engajados politicamente, outros mais esteticamente. Eu era uma empresária da linha culturalista, quase elitista. Hoje, não tenho condições de explicar racionalmente porque estava ligada a um teatro mais comprometido com uma proposta estética do que com uma proposta política. Mas a medida em que o sistema arbitário se radicalizou, ficou mais claro para mim que o teatro que eu fazia tinha que estar a serviço de alguma coisa. Naquele momento, era o serviço das noções estéticas. Quando se encerraram as condições do que eu era como o que eu fazia, vi que era um teatro alienado da realidade cultural brasileira. Porque não tem sentido nenhum montar um espetáculo de cinco milhões de cruzeiros num país onde metade da população não existe, porque não come, não consome, não trabalha. Não tem sentido fazer teatro cultural num país onde crianças morrem de fome e doenças, porque você está fazendo um teatro para elite. O que você vai mudar com isso? Então ficou claro para mim que eu fazia um teatro onde o povo estava ausente do palco e da plateia. E para levar o teatro ao povo, é preciso fazer um teatro mais engajado com a sua realidade. E é isso que venho tentando fazer".



JORNAL: CORREIO DO POVO
CIDADE: FORTO LICEIRE
DATA: 09 AGO 1962

13

Ruth Escobar: "Povo só vai ao teatro quando trabalha na sua construção"



Ruth Escobar, na entrevista coletiva de ontem, na Assembléia Legislativa. Depois de falar com os jornalistas, ela aproveitou a ocasião para distribuir um texto da Comissão Brasileira pela Anistia, seção de São Paulo, a que pertence.

O original deste documento (com 03 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.



CP 09.150
 JORNAL: CORREIO DO POVO
 CIDADE: PORTO ALEGRE
 DATA: 09/15/74

Um pouco tumultuada pela multiplicidade das questões formuladas, a entrevista que Ruth Escobar concedeu ontem à tarde à imprensa, antecedendo seu contato com o público, à noite, foi movimentadíssima, abrangendo tanto o assunto específico do teatro quanto sua realidade correlata, ou seja, a atual situação brasileira. Ruth começou afirmando que "o teatro brasileiro se descaracterizou nos últimos anos, dando lugar a um teatro burguês que evidentemente não está preocupado com nossas raízes".

NOVAS PEÇAS

Revelei-a, a seguir, que enviou, apenas neste ano, treze textos eminentemente brasileiros, e dentro do chamado teatro social, para a liberação da Censura. Alguns problemas surgiram, mas pode-se dizer que o saldo tem sido razoável: vai estreiar em agosto ainda a peça "Ifenfil" que ela interpreta na leitura das cartas do personagem para sua mãe; em outubro estreará "Caixa de Cimento", peça colocada em segundo lugar no controverso Concurso de Dramaturgia do SNT de 1978, e mais adiante, em novembro, será encimada a Feira de Dramaturgia, mesmo com a ausência da peça de João das Neves e alguns cortes — que serão seguidos, segundo ela — nas peças de Dias Gomes, Lauro César Muniz e Escobar. A Feira, esclarece a atriz-empresária, deverá sair de qualquer maneira, porque sua importância é enorme, e as nove peças selecionadas serão apresentadas sempre em duas noites seguidas, num total pois, de dois espetáculos diversos.

Fazer teatro hoje em dia que não sirva à classe dominante, e não só teatro como qualquer outra coisa, será sempre e cada vez mais um ato heróico. Agora, fazer teatro burguês, é evidente que nada tem de heróico, o teatro convencional não é heróico", continuou ela. Ruth negou-se, depois, a fazer autocensura em declarações a um canal de televisão, prossequindo num comentário sobre o teatro brasileiro que virou também uma espécie de autocrítica:

NOS ANOS 70

"Creio que nos anos 70 eu andei fazendo mesmo, como dizem alguns um teatro de elite. Não me arrependo porque afinal nem aquele era um teatro acomodado do tipo do TBC, sempre foi um teatro de debates. Mas as

grandes produções que eu fiz realmente hoje não teriam mais lugar neste nosso cenário. Ocorre que até 1970 eu tinha dois tipos de trabalho, aquele mais engajado, politicamente, e o outro, mais culturalista, mais estilizado, a certo o adjetivo. Hoje, não há mais isso, e eu não sei se poderia explicar tudo em termos absolutamente racionais. Não que renegue, como disse, mas... talvez até que o fato tenha algo que ver com o meu nascimento em Portugal, com a verdade de eu ser também uma pessoa colonizada... enfim... no dia 25 de abril de 1974, eu estava em Lisboa, e quando soube da revolução, eu e as três Marias, aquelas das "Cartas Portuguesas", e mais dois amigos brasileiros, fomos até a Ponte Salazar, arrependidos com a placa que lá tinha e a batizamos de Ponte 25 de abril. Três meses depois, o próprio MFA oficializou a denominação e assim pude cumprir com uma promessa feita a mim mesma de que só voltava a Portugal depois que aquela ponte trocasse de nome. O que ocorreu depois é que o

ma de arbitrio e a imprensa radicalizaram muito no Brasil e ao menos para mim ficou tão claro que o teatro que eu fazia teria que ficar a serviço de alguma coisa. Certamente o que passava a interessar eu não eram os posicionamentos estéticos apenas. Foi assim que nasceram os que hoje são os intelectuais de esquerda, houve apenas um acurramento nas contradições do que éramos ou queríamos fazer para com o que fazíamos efetivamente, distanciando de uma realidade brasileira, culturalmente popular, porque não havia mais sentido você gastar quilômetros mil cruzados (hoje seriam cinco milhões) num país onde cinquenta por cento da população não existe, porque não come, não consegue, não trabalha, onde em cada minuto uma criança morre de fome ou de doença. Então, estávamos fazendo um teatro para o ócio da burguesia. Para que? O povo estava ausente do palco e da plateia. É verdade que ainda hoje o povo só vai ao teatro quando ele está construindo, mas conseguimos mudar algo. Não tenho respostas a tudo, e depois, cada situação, cada cidade é diferente. Mas tenho buscado um teatro brasileiromente engajado. Hoje, cada vez mais eu busco e público da periferia, o meu teatro agora é

também reduto das classes trabalhadoras; ali vêm ocorrendo reuniões de sindicatos e movimentos, e na medida em que este contato se estreita, quem sabe não serão exatamente os trabalhadores que nos darão as respostas às perguntas que temos? Você não pode fazer fazer quando ele lhe suprimir a consciência. Eu não tenho contra o teatro de divertimento, desde que ele amplie sua consciência. Mesmo com as campanhas de popularização do teatro que o SNT realiza, você acredita que é o povo quem vai ao teatro? Claro que não, é a burguesia que compra teatro em liquidação, e o SNT acaba fazendo isso não por real preocupação com o teatro, mas para manutenção do status quo. A tarefa do teatro hoje é de resistência e é sobre isso que quero falar aqui em Porto Alegre. Mais diálogo, é o que estou vindo buscar, e menos monólogo. Pretendo falar pouco e ouvir muito".

AUTOCRÍTICA

Ruth continua nesta autocrítica:

"Vivo de teatro. Não posso dizer que seja pobre. Tenho um grande prédio com três teatros, que ele está hipotecado mas quase pago. No ano passado, com tudo o que me aconteceu, hipotecuei minha casa e a perdi, paciência. Mas deve-se ter claro que teatro hoje não é algo de poder, ele é instrumento, arma, para escamotear, alertar sobre as coisas, porque o grande poder hoje em dia são os meios de comunicação, jornais, rádio, tevê, você hoje faz revoluções sem armas, mas com estes instrumentos. Abril de 74 me deu esperança e fé, e vontade de fazer algo. Tive também a consciência de que devemos estar preparados para a mudança que fatalmente chegará, para que não tenhamos de pagar o tributo que hoje se paga em Portugal pelos 50 anos de ditadura fascista. Porque eu vi, nos primeiros dias da revolução, todo qual povo falando muito mais de política do que de futebol, e isso é tarefa que nós, artistas, intelectuais e políticos deveremos desenvolver aqui".

Ruth acredita que em decorrência de sua própria mudança e das modificações que vêm ocorrendo em todo o País surgiu também a modificação de seu público, um público que descobriu sua nova caminhada e que tentou de encontrar-se com ela.

"Acho inclusive muito bom

JORNAL: O Povo do Rio

CIDADE: CP 09 PALEGRE

DATA: 09 AGO 78 PAG: 1

para mim estar agora em Porto Alegre, porque esta foi outro erro meu, fiquei muito metida naquele meu castelo, e não posso falar da realidade brasileira estando trancafiada lá dentro. Por isso hoje, quero mais ouvir do que falar.

MARCAÇÃO

Ruth Escobar revela ainda que em decorrência do seu crescente posicionamento político, tem enfrentado maiores entraves na liberação de verbas e na sobrevivência de seu trabalho. Por exemplo, o CELAC, órgão cultural por ela fundado anos atrás, e que deveria ter uma sede construída em Atibaia, já tinha até verbas votadas quando, após sua prisão no ano passado, ao lado de outros intelectuais que participaram de movimentos estudantis, elas foram esvaziadas.

"Minha posição sempre foi clara nesta questão. Eu nunca tive poder de pedir verbas ao governo, porque o governo é apenas administrador de dinheiro público que é nosso. E claro que eles do governo não pensam assim. Sempre tratei de concorrer às suplementações de verbas, porque é direito que tenho como companhia organizada. Mas já me disseram que a Polícia Federal andou distribuindo circular interna proibindo liberação de verbas para mim no âmbito municipal, estadual ou federal. Em 77 houve aprovada uma verba para o Seminário de Leituras Dramáticas que tivemos, e que hoje nunca me foi paga. Na Funarte me disseram que nunca mais vão me pagar, mas não quero nem saber. Entrei com processo na Justiça e meu advogado acha que ganhará a questão. Entre 1974 e 1975, nos dois Festivais Internacionais de Teatro que promovi, apresentei cerca de 20 peças, mas depois o Ministério da Justiça distribuiu nota proibindo que qualquer entidade cultural governamental faça convênios para tais promoções sem liberação daquele Ministério. Neste ano, eu tinha a prioridade da UNESCO para trazer ao Brasil os espetáculos do Festival de Caracas. Em todo o processo, enviei-o ao Itamaraty e ao Ministério da Justiça, a resposta foi negativa. E é claro que eles não precisavam explicar por quê."

REGULAMENTAÇÃO

Por tudo isso, também é coerente a posição que Ruth Escobar tem centrado à regulamentação do ator, recentemente assinada pelo presidente Geisel, por iniciativa do Ministério do Trabalho:

"Esta lei está na mesa deles desde o Governo Castelo Branco, e é o mesmo projeto que nós recusamos, anos atrás. Agora, houve parece que uma dormida dos sindicatos,

O que acho ruim é que tudo foi feito sem consultas amplas aos profissionais e na base de conchavos. Por que não encaminhar a lei através dos legítimos representantes do Povo, que são os senadores e deputados? Por que o Ministério do Trabalho?

Eles não se deram conta, infelizmente, de que acabaram sendo usados como cabos eleitorais para a Arena e o governo. No dia seguinte à regulamentação, seria o pacote de Governadores. E quando sair agora a legislação é o que eu quero ver, porque na hora da legislação é que vão nos apanhar direitinho. Por tudo isso, não concordo, no momento atual, na maneira pela qual se chegou à regulamentação. Ela será extremamente perigosa e propiciará uma censura maior sobre o ator. Foi muita ingenuidade acharem que o Governo ajudaria aquela classe que justamente, no decorrer de todo o processo político nacional, tem sido a de maior oposição ao que está aí. Inclusive há um artigo, o 24, que diz que a criação do ator é livre desde que obedeça ao texto. O que é isso? Nós somos mais livres sem a regulamentação. E depois, a obrigatoriedade dos cursos universitários, exigida pela lei, é também medida altamente elitizante. Vai se chegar a um ponto em que vão caçar o ator e impedir de trabalhar, mais nada..."

CENSURA

Para Ruth Escobar, enfim, não está havendo exatamente uma abertura:

"O que ocorre não é um menor impedimento do teatro, nós é que estamos caminhando, avançando, chegando aos momentos de confronto: 'Gota d'Água', 'O Último Carro', a liberação destas peças foi um passo à frente. O Seminário de Dramaturgia que fizemos, durante três meses, lendo 13 peças proibidas, apesar das notas que recebemos da Censura, foi um passo à frente, simplesmente porque a legislação não previa esta reação, e podemos então vivê-la, criá-la. Não sei se fui a primeira pessoa a fazer tudo isso, mas a forma ostensiva pela qual fizemos, com a ampla cobertura da imprensa, foi algo fundamental. E quanto mais avançamos, uma coisa tem que ficar clara: vai haver rachas, e temos que estar conscientes e preparados para enfrentá-las. O que eu lastimo apenas é a passagem dos atores de teatro para a TV, em busca de sua estabilidade, que efetivamente o teatro não lhes dá hoje, porque a televisão em especial é a melhor arma que o Sistema possui para nosso controle, e não só no Brasil como em todo o Continente". — Entrevista a Antonio Hohlfeldt.

JORNAL: O Povo
 CIDADE: Rio de Janeiro
 DATA: 10 de Maio de 1964

Ruth Escobar, em dez minutos, garante a linha de debates do II Encontro

Ruth Escobar foi a primeira convidada a manifestar-se no II Encontro Estadual de Teatro, ora em desenvolvimento. Dizendo que pretendia mais ouvir do que falar, ela limitou-se a ler o que chamou de "rabisco" anotados um dia antes, a respeito do teatro brasileiro, e que transcrevemos abaixo, para os leitores do "Correio do Povo":

"Aqui vim, aqui estou, porque reconheço a importância de qualquer encontro, de todos os encontros, e também porque aqui, quando viajei em 1961 com o meu primeiro trabalho, fui recebida com toda a galhardia gaúcha, e eu não era nenhum expoente do teatro brasileiro, era só mais um grupo que fazia um trabalho honesto e engajado.

Eu gosto dos gaúchos e dos encontros. Aqui, hoje, esta semana, ainda que nos insultemos, estaremos juntos, fare a face, para falar de teatro, desejosos de provar que apesar da colonização cultural, do sistema que nos propõe uma ideologia cultural dissolvida pela importação permanente de valores e códigos alienígenas, apesar de uma cultura de conquista e cuja exploração desavergonhada serve ao funcionamento da maquinaria do capitalismo mundial, etc., estamos aqui para provar que estamos atentos, dispostos a resgatar um teatro autenticamente nacional e popular — embora não possamos ainda nada elucidar sobre um teatro popular porque um teatro popular se apóia numa cultura popular e esta só se desenvolve com uma ação popular organizada. E é isto, companheiros, que devemos nos propor — Organizar, Organizar a nossa luta, organizar as nossas palavras que estiveram mudas, organizar a nossa ordem, descobrir o perfil deste país, através de formas de expressão cultural, resgatar a sua alma vendida pelos servos do capital estrangeiro, pelos embaixadores dum legalidade última que marginaliza políticos, intelectuais, estudantes, artistas e trabalhadores e toda a nação brasileira.

Sim, companheiros, qual o papel do teatro hoje? Acender as consciências, revelar a realidade. Quem somos, a que vimos, quem é o nosso povo,

O artista não pode esquecer que a aventura coletiva deve ser construída nos atos e no peito de cada um de nós — e o teatro é a nossa trincheira de resistência contra esta chamada cultura de massas ou "para as massas" e que hoje, no Brasil e em todo o continente latino-americano,

através da TV, do rádio e do cinema, difundem apelos fascinantes para justificar a organização desigual do mundo.

Hoje no Brasil a televisão é um polvo que manipula as consciências, oculta a realidade, achata a imaginação criadora, vende ilusão de riqueza aos pobres, sonhos de vitória e sucesso aos vencidos e de poder aos fracos. A "cultura para as massas" condiciona as pessoas a aceitarem esta ordem como natural; identifica o sistema com a Pátria, de maneira que o inimigo do atual governo vira um traidor. Não se tem acesso ao que pensa a oposição, nem aos projetos dos candidatos do povo, mas sabemos tudo sobre a campanha do último presidente dos EEUU e sobre os últimos dissidentes soviéticos.

As novelas transcorrem num nível de sonho e suspense e colocam o povo à margem dos verdadeiros problemas sociais e políticos dos nossos dias; os filmes importados vendem-nos sonhos de democracia ocidental e cristã, junto com violência, papel higiênico e a marca do cigarro e automóvel que nos trarão felicidade.

Disse um companheiro latino-americano — "A melhor maneira de colonizar a consciência é suprimi-la". Baixasse um decreto presidencial proibindo greve e o porta-voz da presidência o justificou: "O objetivo principal desse decreto foi defender a população, devido à importância de certos setores de vida do País. Companheiros — eles acreditaram no projeto de imbecilização coletiva. Este ato do império, senhores, que proíbe a greve em setores como o bancário, que impede o trabalhador de lutar por melhoria salarial no reduto do capitalismo, este ato se reveste da pompa dum legalidade vendida ao poder econômico opressor. Este ato esta emenda, este remendo, reveste-se da respeitabilidade aparente na defesa da população, ignorando que o povo, o trabalhador, pode dizer Não e contrapor à legalidade imposta, a justiça dum ordem legítima, moral.

O teatro deve servir como meio de revelação da identidade coletiva e então ele se transforma num artigo de primeira necessidade. Nossa identidade está na ação e na luta. Somos o que fazemos e sobretudo o que fazemos para mudar aquilo que somos. E eu acredito no poder do teatro, no poder de um teatro de resistência que deve empregar todos os meios ao seu alcance e não deve despendizar nada — é claro que o que podemos hoje está profundamente ligado às nossas

triplas e ao processo de engajamento de cada um para liberar o povo.

Repetindo o grande poeta José Martí e também Marx, eu acho que revelando a alma deste povo, nossos operários se transformarão de massa guiada em classe consciente.

O teatro é uma arma que deve ser usada para matar ou para anealizar — a culpa do crime nunca é do autor.

Um novo teatro pode nascer dum nova relação com um novo público. Um teatro não para entreter, mas para inquietar, que salte os exploradores, que mostre ou insinue uma solução, que expresse o que o povo sente.

O destino do teatro, sera o destino do povo, e como acredito no sábio Brecht que disse:

"Mas se conhece alguém a quem a violência trouxe sorte?"

A verdade pode ser mortal e a mentira eterna?

Aonde viste a injustiça perdurar sem ser destruída? Isso me leva a crer que teatro e povo sairão vencedores.

Os senhores do poder ignoram que os trabalhadores liberados da exploração provarão uma nova cultura de trabalho consciente de que trabalham para satisfazer suas próprias necessidades, e para acelerar o ritmo do seu próprio desenvolvimento econômico. Nos subúrbios do Brasil este governo revela o verdadeiro rosto — e este rosto é o do trabalhador num campo de concentração".

Após a fala da atriz, dentre muitas pessoas que se manifestaram fazendo com que o debate se estendesse até pouco depois das 21 horas, quando deveria então ser iniciado o primeiro espetáculo teatral da semana (houve atraso de mais de meia hora para a abertura dos trabalhos), manifestou-se Sapriza Prito, presidente da Associação de Atores (APATEDEGUS), que pediu a Ruth que lesse o documento daquela entidade, sobre o papel da censura, o que foi feito. De modo geral, assim, pode perceber-se especialmente para o debate de hoje à noite, reunindo críticos, atores, produtores e jornalistas, um termômetro bastante alto nos temas e nos enfoques a serem dados, especialmente quanto ao problema das subvenções oficiais e das pressões que direta e indiretamente sofrem não apenas os grupos teatrais da cidade, como a manifestação artística de modo geral. A. H.

A RAZÃO 30 JUL 75

JORNAL: A RAZÃO
CIDADE: SANTA MARIA RS
DATA: 30 JUL 75 PÁG: _____

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS GAUCHOS LANÇA DOCUMENTO SOBRE A CENSURA

A Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, através de seu presidente Saphian Brito lançou documento referindo-se ao problema da censura no país, dizendo que «no momento em que as reformas políticas estão sendo anunciadas, numa tentativa de controlar a crescente insatisfação da população brasileira, nos da APATERGS, num momento de afirmação como entidade representativa da categoria, nos enfrentamos junto aqueles que lutam contra a censura neste país, que hoje mantêm mais de 500 peças dentro de gavetas em Brasília.

«Entendemos que este instrumento arbitrário e castro à arte e cultura nacional deva ser suprimido imediatamente, na medida em que a liberdade de expressão se constitui na condição essencial para o trabalho da categoria.

Nossa organização se torna concreta em agosto, quando começaremos a defender os interesses coletivos destes profissionais - mais de mil e em especial 350 associados nos transformando em Sindicato. E é justamente esta organização que nos faz denunciar».

— a falsa euforia do momento teatral gaúcho, alicerçado basicamente em subvenções do estado, que por sua vez fatura politicamente e de imediato em cima de toda uma categoria, que na ânsia de sobrevivência acaba se transformando em propagandista do governo, distanciano-se de sua função social transformadora. Por ser o teatro o maior mercado de trabalho, para esta área a Associação dedicará atenção imediata. Por isso denuncia também as medievais relações de trabalho a que são submetidos técnicos e artistas, obrigados por contratos exdrúxulos a realizar verdadeiras maratonas pelo interior, transportando materiais, desmontando cenários e fazendo até cinco espetáculos por dia, sem nenhuma compensação financeira.

- a distribuição exclusiva das verbas oficiais às empresas, o que priva o artista de ter acesso a todo e qualquer projeto que vise o aprimoramento profissional.

- a falta de casas de espetáculos e as precárias condições das poucas existentes e a pressão exercida pela máquina burocrática que impede o surgimento de novas casas e determina o fechamento de outras independentes.

- a proliferação de vários cursos na grande Porto Alegre, caracterizados por picaretagem e aventureirismo; e as péssimas condições de funcionamento do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, prejudicado com a qualidade de ensino e com a política de auto censura imposta pela Universidade.

- o preconceito das agências de propaganda em relação aos

profissionais locais; a aceitação, por alguns, de cachês humilhantes; as condições precárias em que são realizados filmes e VTs; a mediocridade dos textos; e a importação de artistas de outros centros com altíssimos cachês.

- a inexistência de mercado artístico nas 11 emissoras de TV do RS, ocasionado pelo aviltante número de enlatados; o monopólio exercido por uma única empresa; e a total inoperância da TV Educativa, até hoje cercada por mistérios insolúveis e desviada de seus hopotéticos princípios.

- a inexistência de uma produção cinematográfica regular, o que ocasiona a exploração pelos patrões da mão de obra especializada; o desaparecimento gradativo do circo, desamparado pelo poder público; a situação de permanente amadorismo dos corpos de baile; e o não aproveitamento de artistas e técnicos gaúchos nas raras montagens de ópera.

Por tudo isso, conclamamos os companheiros de todo o país a se unirem em torno de suas Associações - para evitar a formação de grupos efêmeros, grêmios inconsequentes e «cooperativas com patrões» - e lutar pela criação de Sindicatos, que juntamente com o de Rio e São Paulo nos possibilitará criar a Federação Nacional de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões e lutar pela participação na Federação Internacional de Atores, atualmente proibida pelo Ministério do Trabalho.

O original deste documento (com 12 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

TEATRO: RESISTÊNCIA E A AJUDA OFICIAL, NO PRIMEIRO DEBATE

Os palcos de Porto Alegre se agitam desde terça-feira, com o início de duas promoções simultâneas: o II Encontro Estadual de Teatro na Assembleia Legislativa e a Semana Nacional das Artes, promovida pela Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado, com patrocínio do SNT. O Encontro, parece ter algumas vantagens sobre a Semana, já que tem entrada franca para o público e proferiu a noite de pessoas de influência sobre a classe teatral, bastante insatisfeita com os problemas que dificultam a sua atuação.

Ruth Escobar, atriz e empresária, foi a primeira a fazer "colocações curtas sobre a tarefa do teatro hoje, de resistência" abrindo a programação do Encontro, terça-feira à noite, juntamente com Nicóia Brasil, da Diretoria de Atividades Culturais e o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Nivaldo Soares, que falou no caráter da promoção.

Estamos diante de um debate que não vai se esgotar com o II Encontro Estadual de Teatro. A luta que se trava para vencer a Censura é parte da luta que se trava para vencer todas as leis de exceção que impedem a liberdade neste País.

Bastante vigorosa, Ruth Escobar fez algumas colocações em quinze minutos, sem antes deixar de lembrar a boa recepção que teve em Porto Alegre ao trazer o primeiro espetáculo que montou, Mãe Coragem, de Brecht. Acrescentando que "estamos aqui despois de resgatar um teatro autenticamente popular", embora tenha ressaltado a dificuldade de levar o teatro ao povo sem subvenções em favor dessa popularização.

A tarde, em entrevista coletiva, Ruth Escobar já havia afirmado, que "nunca tive poder em tirar dinheiro do Governo porque acho que o dinheiro que o Governo usa é o dinheiro do povo administrado temporariamente pelos que estão com o poder". Ao mesmo tempo, revelou que em decorrência desse posicionamento claro, até hoje não recebeu o dinheiro aprovado para a realização do Seminário de Leituras Dramáticas, realizado em 71. No decorrer da entrevista, ela estava na discussão com os que de ganhar a questão, confiante afirmou.

Durante o debate, que se estabeleceu à noite com o público, Ruth Escobar compieram o tema de problemática teatropo, dizendo que em São Paulo, atualmente, existem cerca de 80 grupos fazendo espetáculos na periferia, "ideologicamente bons,

mas sem eficácia. O profissional está comprometido com as questões concretas". Outro ponto abordado durante a coletiva:

— Mesmo com as campanhas de popularização do teatro que o SNT realiza, vocês acreditam que é o povo que quer ir ao teatro? Claro que não, é a burguesia que compra teatro em liquidação e o SNT acaba fazendo isso por reais preocupações com o teatro, mas para manutenção do seu status quo.

A saída que encontra para enfrentar esta barreira que considera tão grande quanto a Censura, é a imaginação. "A única coisa que pode nos salvar do fascismo". No ano passado, durante o Seminário de Dramaturgia, ela promover a leitura de 13 textos proibidos, fundando o Clube dos Alunos e amigos do Teatro Ruth Escobar, curso (o das leituras) que tem sido utilizado em Brasília, em Campinas e em Porto Alegre.

Na montagem de A Torre de Babel, do Arrabal, feita também no ano passado, Ruth entrava em cena com um jumento chamado Ernesto. A certa altura do texto ela perguntava: "É verdade que você vai se transformar em homem, Ernesto?" E colocava ainda outros casos, com a intenção de satirizar "É claro que houve a intervenção da Polícia Federal, mas se nesse aspecto ela faz alusão à imaginação eu mandei uma carta dizendo que se neste País existe uma lei que proíbe ler um momento com este nome, eu reaturo o diálogo do texto. Pouco depois, foi apreendido meu passaporte".

A pedido do ator e presidente da Associação dos Artistas e Técnicos em Espetáculos Teatrais do Rio Grande do Sul, Sapirán Brilo, Ruth Escobar ainda leu em público o manifesto dos vitoriosos gaúchos.

Sobre um dos itens contestados — o aproveitamento do ator na televisão —, Ruth Escobar criticou o veículo "cultura para as massas" que condiciona as consciências e aceita o sistema, impingindo novelas, sonhos e suspensas que colocam o povo à margem".

No momento, Ruth Escobar está montando "A Revista do Hemifil", com os personagens já conhecidos do cartunista brasileiro, devendo esta peça ser encenada em São Paulo no próximo dia 25. Caixa de Cimento, colocada em segundo lugar no concurso de dramaturgia promovido pelo SNT em 76, é outra estreia prevista para outubro, além da Feira de Dramaturgia, que ainda está com quatro textos encaminhados.

Peça "A Divina Proporção" esta noite no II Encontro

O II Encontro Estadual de Teatro prossegue hoje, na Assembleia Legislativa, com a apresentação, às 10h, do espetáculo A Divina Proporção e A Felicidade Não Espermeia, de Ruth Escobar, com o Grupo O Nôis Aqui Traveja e às 19h, com uma mesa redonda da qual participaram jornalistas e personalidades a atividade teatral no Rio Grande do Sul.

O Grupo O Nôis Aqui Traveja de Porto Alegre, que se apresenta há 6, foi constituído em 1977 e define seu trabalho como sendo "um teatro em pedras nas veias". Quando foi criado se propôs a "formar um grupo teatral capaz de se renovar, da linguagem cênica; formar um grupo teatral que se ocupasse da dramaturgia gaúcha; formar um grupo teatral que possuísse seu próprio local de trabalho,

formar um grupo teatral que existisse ao transcender do fato político-social", armando Jóllo Vieira.

Do elenco de A Divina Proporção e A Felicidade Não Espermeia participam Rosenda W. do, Rafael Bayão, Jussemar Gonçalves, Nair Teleschi, Alfredo Guardes, José Paulo Nunes e Paulo Flores. A organização é de Adalberto Ferreira, a iluminação de Jóllo Vieira e a direção de Paulo Flores, Cenário e figurino: Equipe.

Na mesa redonda será discutido o Teatro Cênico. Participam dos debates Ivô Bender, Antônio Hoelckli, Sapirán Brilo, Zé Abreu, Leo dos Castellos, Cláudio Boxler e Marlise Szewald. A entrada é franca e no vestibulo é possível ver uma mostra sobre o Teatro Popular gaúcho.

FOLHA DA MANHÃ
PORTO ALEGRE
12/10/77

NOTÍCIAS
CULTURA

TEATRO
ENCONTRO



CP 10 AGO

19

JORNAL: CORREIO DO POVO
 CIDADE: PORTO ALEGRE
 DATA: 10 AGO 1979

Nivaldo abriu Encontro de Teatro anunciando nova promoção em 1979

Foi aberta, na última terça-feira à noite, o II Encontro Estadual de Teatro, que a Diretoria de Atividades Culturais da Assembleia Legislativa desenvolverá até o próximo dia 13. Na abertura dos trabalhos, o presidente da Assembleia, deputado Nivaldo Soares, assim pronunciou-se a respeito do evento:

"Esta Assembleia Legislativa se sente muito orgulhosa de poder apresentar, pela segunda vez, o seu Encontro Estadual de Teatro.

É um esforço sério que a nossa Diretoria de Atividades Culturais realiza para dar oportunidade a quantos se interessam pelo teatro, de viver por seis dias, com intensidade, ouvindo, assistindo e

debatendo alguns dos mais dramáticos problemas da cultura brasileira, emoldurados pelos problemas e as perspectivas do teatro do nosso Estado e do País.

Estamos diante de um debate que não vai se esgotar com a realização deste II Encontro Estadual de Teatro. Gente da expressão de Raul Escobar, que hoje inicia o nosso ciclo de palestras, vai falar com a autoridade de sua participação em alguns momentos dos mais altos e marcantes do teatro brasileiro, firmando posição e delineando horizontes novos para os que sentem a necessidade de se salvar o teatro brasileiro.

Outros nomes de maior respeitabilidade no meio teatral, como Lélia Abramo, Gianni Ratto, Renato Borzini e Flávio Rangel, além dos que debaterão o teatro gaúcho e que são expressões rebeldes da nossa inteligência, uns atuando nos palcos outros nas colunas dos jornais, aqui virão trazer suas experiências e sua mensagem, numa hora em que não apenas os artistas, mas toda a Nação espera poder conquistar para a nossa cultura o direito à liberdade de expressão, sem dúvida, a mais cara, a mais valiosa, a mais importante de todas as liberdades humanas.

No I Encontro, sempre com sala cheia, a expectativa e a participação dos jovens subretudo, mas da sociedade rio-grandense em geral, apresentamos nove grupos teatrais, sendo seis da Capital e três do interior. Neste Encontro, inscreveram-se catorze grupos, sendo dois da Capital e dois

do interior do Estado, sendo ao final selecionados nove, com sete da Capital e dois do interior. Nossa preocupação será promover uma mostra sincera e autêntica de espetáculos rio-grandenses, de promover o autor nacional, e em especial o autor gaúcho, de propiciar o encontro de grupos teatrais da Capital com os do interior do Estado, de permitir o encontro dos grupos rio-grandenses com figuras expressivas do teatro nacional e, por fim, oportunizar o debate dos problemas e das perspectivas do teatro nacional.

Sabemos que não são poucos e fáceis os problemas que o teatro enfrenta. Talvez, este seja o momento culminante de uma crise que começou em 1965, quando os teatros passaram a ser invadidos pela Polícia, os atores perseguidos, e a censura passou como um fantasma a covessar pelo terror os palcos brasileiros. E as peças, as que tinham mensagem, na sua grande expressão, não saíram mais das gavetas frias e insensíveis da censura. Fala-se que mais de quinhentas dormem esse sono funesto que o obscurantismo impôs à inteligência brasileira.

A luta que se trava para vencer a censura é parte da luta maior que se trava para vencer todas as leis de exceção que impedem o povo de ser livre, de ter consciência de seu destino, de fazer sua história. O escritor e dramaturgo, para citar apenas um dos tantos nomes do teatro que se insurgem contra as limitações feitas à livre expres-

são do pensamento, Dias Gomes, disse, com razão, que "É óbvio que a nossa luta pela liberdade de pensamento insere-se na parte irrealizável do quadro maior da luta pela liberdade do povo brasileiro. Entenda-se aí a palavra liberdade em seu sentido mais amplo. Liberdade individual e coletiva. A luta é uma e indivisível. Não podemos analisar a parte esquecendo o todo".

É claro que a crise do teatro tem outros ingredientes que deverão ser enfocados neste Encontro, mas o principal, sem sombra de dúvida, é a falta de liberdade, que torna impossível a manifestação artística, pois a falta de liberdade, a atmosfera de calabouço sufoca a criação.

Este II Encontro se inaugura no momento em que toda a Nação espera reencontrar-se com a democracia e a liberdade. Ao abrirmos os trabalhos deste Encontro tão caros que amam a liberdade de pensamento, como Presidente Getúlio Vargas, manifestamos nossa certeza no sucesso de mais esta promoção da nossa Diretoria de Atividades Culturais, assim como zibmentamos a firme esperança de que no próximo ano, ao ensejo do III Encontro de Teatro, os artistas, sejam os que escrevem, os que interpretam, os que tocam ou os que cantam, aqueles enfim que realizam o milagre eterno de fazer com que a humanidade sönho por eles, possam se reunir, não para falar de tempos difíceis e incertos, mas dos largos caminhos que se abriram ao desfecho da inteligência criadora dos brasileiros".

Em todas as falas a preocupação com o público e a liberdade

JORNAL: O REPTO DO ROUO
CIDADE: PORTO ALEGRE
DATA: 12 ABO 68
PAGS:

Terminada a exposição de Antonio, o público aguardou que Júlio Zanotta Vieira subisse ao palco. Pelo prédio ouviam-se as vozes e o movimento ocasionados pela Frente de Redemocratização. Júlio, após confessar sua timidez, desempenhou um papel histérico e passa a ler o seguinte texto, que havia escrito à tarde, após a apresentação das duas peças de seu grupo:

"Só para dizer alguma coisa sobre o nosso trabalho apresentado AQUI HA POUCOS MINUTOS. Na minha opinião teve só um mérito: Transformar por instantes ilusórios este imponente recinto, quase tecnológico, num Carlos Gomes ou Cine Castelo do teatro porto-alegrense.

O Grupo O Nôis Aqui Traveiz foi fundado aí por dezembro do ano passado, para buscar um acontecimento teatral que negasse a barbárie capitalista dependente. O grupo se propôs a ir um pouco adiante da cultura de resistência:

usar o por-se. Para isto havia um programa máximo de três pontos: 1.º) — Formar um grupo teatral que se ocupasse da dramaturgia gaúcha; 2.º) — Formar um grupo teatral que possuísse seu próprio local de trabalho; 3.º) — Formar um grupo teatral que recusasse as subvenções estatais por considerar que este tipo de financiamento doméstico politicamente, cria relações de subserviência e provoca desnaturalização de crítica".

Quando ao resto eu acho que todo mundo sabe: O O Nôis Aqui Traveiz construiu seu próprio local de trabalho, começou a trabalhar a dramaturgia gaúcha, recusou pedir subvenção e começaram a acontecer coisas: Inicialmente a prisão de Paulo Flores, Silvio Veluzo e Rafael Baião. Depois provocações e tumultos nas apresentações, depois o espancamento do ator José Nunes quando saiu do teatro, depois os camburões que cercaram o teatro e os homens que prendiam o público que saía, depois intimações para prestar declarações em várias instâncias policiais; finalmente o fechamento do teatro pelo Departamento de Diversões Públicas, da Secretaria de Segurança, sob a alegação de que o prédio estava condenado.

Não estava e não está. O O Nôis Aqui Traveiz está fechado há uns três meses. Os prejuízos são enormes mas o grupo não está à beira da falência. Neste momento estão sendo ensaiados dois espetáculos para entrarem quando

o teatro reabrir: porque reabrir. Um deles é um show com prosa e poesia de "Te-Quato-Neto" e o outro é uma peça de Rafael Baião.

"O que seria de nós sem Bombril ou Norma e Helena?" Segundo Rafael Baião chega de aparências. Já é mais do que hora de falar, de denunciar o que acontece neste lado americano. Norma e Helena é o que veio do vídeo e entra na cabeça. Aproveitem mais essa liquidação: 800 quilos de homem e 20 dúzias de mulheres (tudo quase de graça). E isso que o O Nôis Aqui de novo traz outra vez. E, para premiar: O que seria de nós sem Bombril!"

Dito isso Júlio atirou o restante do papel histérico e se retirou do palco, agradecendo o espaço cedido por Antonio. O papel, cuidadosamente recolhido no final do espetáculo, diz isso aí, salvo algum erro de interpretação, pois a letra do Júlio não é fácil de ser compreendida.

DRAMATURGOS

Ivo Bender representou, na noite, os autores de textos teatrais gaúchos. Lamentou a ausência dos demais: Carlos Carvalho, Dilmar Messias, Ronald Radde: "Somos tão poucos. P-r que não se convidar a todos."

Narrou a seguir a sua carreira dramaturgica iniciada em 1961 com "Cartas Marcadas", teatro do absurdo, "peçado original" que serviu para que o selassem definitivamente de autor de teatro no absurdo.

Sua carreira seguiu-se com "Astruzes", "absurdo filtrado por poesia, um fracasso, mal recebido pelo público. Parei. Houve um hiato".

E Bender vai narrando sua história, com empestação de voz. Seu novo espetáculo não chegou a ser levado a cena. Novo hiato. Escreveu um auto de Natal para ser apresentado no departamento onde trabalhava. Sucesso. Montou o espetáculo para ser apresentado na semana de Natal, re-

unindo os melhores atores da época. No dia da estreia "um cavalheiro vestido de civiliza chega em minha casa com uma carta". O texto se encontrava interditado para todo o território nacional. "PT Sauda, es". Lá se foram os seus investimentos na montagem que já se encontrava finalizada, também se foram suas esperanças e ânimo.

"Em 71 voltei, mas o ensaio alíngua eu já era gato caçado. Foi me fechando em hiperboles e metáforas." Mais tarde surgiu uma trilogia "O Macaco e a Veiba" e uma re-

tomada de "As Cartas Marcadas". Voltaria, porém, sem o mesmo ímpeto.

Finalizando seu contundente depoimento, Ivo Bender observou: "Como é difícil atingir um público quando a sombra da repressão te queima os calcanhars." Disse mais que "é melhor escrever um texto cheio de hiperboles e metáforas do que um auto de Natal sem ser montado."

ATRIZ GAÚCHA

Marlise Sauressing, chegou desculpando-se pelo atraso. Estivera atuando na peça "Mary Emboaba" em cartaz no Teatro de Arena, às 18h30 min. Inicialmente sugere que a realização desse encontro de teatro seja transformada em lei para garantir que seja organizada também nos próximos anos.

Um breve depoimento de seu trabalho é o que a atriz procura fazer a seguir: "Trabalho há cinco anos como atriz. Considero minha formação de caráter popular. Nosso trabalho no Teatro de Arena sempre foi norteado no sentido de procurar ressaltar, de estabelecer uma crítica muito grande não só à situação que vivemos mas ao nosso próprio trabalho."

Colocou, entre outras coisas, a relação do público. "O público não deve só exigir uma organização por parte dos atores, mas procurar organizar-se dentro do seu próprio campo de trabalho e atividade."

Marlise mostrou-se contrária à regulamentação: "Ela procura impedir ainda mais o livre exercício. Não muda a nossa infra-estrutura, o que me parece fundamental. Não faz distinções. Lire uma empresa como a Rede Globo e os empresários gaúchos."

Cumprimentando a todos os presentes pela realização do encontro, Marlise finalizou seu depoimento colocando sua preocupação com a declaração do diretor de Assuntos Culturais do Estado que, segundo ela, afirmou que os empresários gaúchos devem procurar montar "espetáculos simples e leves".

ASSOCIAÇÃO DE ATORES

Sapirán Brito foi, sem dúvida, quem mais sofreu nesta noite de quinta-feira. Manifestou seu repúdio contra a "falta de liberdade de expressão e a atual política cultural do governo no que diz respeito ao teatro, voltada quase que exclusivamente para os empresários. Nossa posição já foi claramente revelada em carta que recentemente conseguimos publicar em todos os grandes jornais do país".

JORNAL O REPTIC DO POUO

CIDADE: PORTO ALEGRE

DATA: 12 ABO 1940

Convidou toda a classe de atores e técnicos a participarem da Assembleia Geral que se realizará nesta segunda-feira, à noite, no Clube de Cultura. É intenção da diretoria da entidade dos atores e técnicos formularem nessa Assembleia o pedido formal para transformação de sua Associação em Sindicato: "É necessário que todos nós nos esqueçamos por momentos de

nossas divergências pessoais e nos unamos para trazer, cada um, a sua colaboração para a classe".

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES

Z. de Abreu, presidente da Associação dos Produtores, inicia seu depoimento meio que se desculpendo por exercer esta função: "Faço teatro há 10 anos e produzo há quatro. Sou um cara virador. Nunca produzo sozinho. Sempre busquei patrocinios, onde tinha possibilidade de sair dinheiro para o teatro eu la mexendo e acabava saindo".

"Sou cria do 'Tuca', um grupo com bases eminentemente políticas. Daí a minha linha de ação. Dias antes, quando surgiu aquele problema com a Secretari. de Turismo, redigimos uma carta do Grupo Seraphim abordando todos esses problemas que o Antônio já abordou; Subvenção, demora de pagamento".

"Acho que só um grupo de pessoas ligadas ao teatro poderiam decidir a divisão justa das verbas. Por isso sou a favor da Comissão Estadual de Teatro, que é a forma mais democrática de dividir. Outro problema que enfrentamos é a conquista de público. Atualmente as subvenções oficiais no estado representam cerca de 70 a 80% do faturamento das empresas de teatro. Pessoalmente nunca recebi qualquer pressão porque não faço uma linha politico-partidária, mas acredito que a liberdade de ator ou do profis-

sional de teatro só existe na medida em que ele tenha público.

Tenho como posição pessoal duas lutas do homem do teatro gaúcho: 1.a) — A luta pela conquista do público, pois sofremos de imperialismo paulista e carioca apesar de em muitos casos os espetáculos daqui terem mais nível que os do Rio e São Paulo. 2.a) — A luta obrigatória de qualquer pessoa brasileira pela liberdade de expressão, contra a censura, pela participação maior de todas as pessoas nas tomadas de decisões".

Zé falou mais coisas, das quais foram destacadas apenas algumas, consideradas principais. Depois de sua exposição iniciaram-se os debates. Sapirvan Brito pediu licença para retirar-se. Tinha de ir para a apresentação de "Os Pintores de Canos", no Clube de Cultura. Volta depois porque o espetáculo fora suspenso por falta de público.

Antes de se retirar deixa em seu lugar Lélia Abramo. Alguns protestam, alegando que ela não poderia representar os atores gaúchos. As discussões se soltam. Em determinado momento, quando o assunto teatro já cedera lugar à política, Lélia procura trazê-lo de volta: "Hoje, é tal a vontade de liberdade que até uma reunião para aprender a fritar bolinhos acaba tratando de assuntos de política".

Depois a discussão se concentra em torno da Associação de Atores, da validade ou não de transformá-la num Sindicato, dos critérios que serão adotados para o registro de um ator na Associação. No palco Sapirvan e Lélia. Na plateia Ana Maria Taborda e Jairo de Andrade. Os dois pares se antepõem, enquanto o resto do público e dos representantes da classe ficam calados por várias horas. Foi assim que os dete-
às 22h0min. (Mara Frantz)

Encontro de Teatro reuniu 5.^a feira depoimentos e opiniões locais

Um grande público ocupava o auditório da Assembleia Legislativa, quando, às 19h 30min, de quinta-feira, iniciaram os debates dos diversos representantes da classe teatral gaúcha. As 23h40min, grande parte do público já se retirara, mas as discussões continuavam acaloradas, como se ninguém quisesse deixar de dizer a última palavra. Lélia Abramo, presidente do Sindicato dos Atores do Estado de São Paulo, embora não estivesse planejada a sua participação na noite, acabou tomando parte nos debates.

Dos outros recintos do prédio vinham as vozes da Frente Nacional de Redemocratização, e não faltou quem entrasse enganado no debate da classe teatral. Um vereador do interior do estado lá pelas tantas pede a palavra e se solidariza com a luta empreendida pela classe teatral. Seu engano e intervenção foi um dos poucos momentos de riso, nesse encontro que se caracterizou pela seriedade.

TEATRO DO INTERIOR

Cláudio, do Teatro Vivo, de Santo Angelo foi o primeiro a falar: "Nós do Teatro Vivo, de Santo Angelo, fazemos teatro há quatro anos. Nosso grupo foi formado por um punhado de pessoas que estavam a fim de fazer alguma coisa. Desde o início tivemos preocupações políticas e utilizamos o teatro como um canal. Iniciamos nosso trabalho com espírito de luta e ao invés de procurar o entretenimento, buscamos dar uma visão da realidade brasileira".

"Nosso trabalho — continua Cláudio — não é fácil. As pessoas estão possuídas de um grande medo. Nos debates que promovemos após nossos espetáculos, podemos observar que as pessoas não se manifestam ou, quando falam, o fazem através de subterfúgios. Esse também é o problema de quem faz teatro, um problema que é bem maior no interior do Estado, em cidades onde todos se conhecem e o poder opressor se manifesta de todas as maneiras".

"Não raro encontramos pessoas que se intitulam amigas e que, entrando no jogo dos opressores, vêm nos aconselhar paternalmente que nos afastemos da nossa linha de trabalho. Mas achamos que devemos continuar lutando pela liberdade brasileira de expressão, pelo

simulacro — pelo direito à greve".

Outro problema abordado pelo representante do teatro do interior do estado foi a falta de casas de espetáculos e a inexistência das existentes. Notou ainda que o grupo Teatro Vivo pretende criar um espetáculo abordando a realidade da região, principalmente o êxodo rural: "Temos obrigação de tentar questionar, analisar este problema mais profundamente. Pretendemos montar esse espetáculo no princípio do próximo ano".

TEATRO AMADOR

Clarice Castilhos falou representando o teatro amador gaúcho, na qualidade de presidente da Federação do Teatro Amador do Rio Grande do Sul. Inicialmente protestou contra a transferência do aluno Caco, do Colégio Júlio de Castilhos, no que foi aplaudida pela plateia. Após a "seção de recados" sobre alguns espetáculos que deverão entrar em cartaz, expôs um pequeno histórico da Federação, entidade fundada há apenas três semanas, motivada pela necessidade dos grupos amadores resistirem às pressões de se tornarem empresas:

"Em outubro de 77, aqui na Assembleia Legislativa, foi organizada a Mostra de Teatro Amador, que contou com a participação de sete grupos da capital e nove do interior do estado. Dos debates que foram promovidos naquela ocasião resultou a decisão de fundarmos uma Federação para promover a defesa do amador. Ela teria três finalidades: 1.a) — Associação de classe com caráter reivindicatório; 2.a) — Fórum de debates, para discutir a função do amador, a sociedade... 3.a) — Troca de experiências entre os diversos grupos amadores sobre nível artístico. Nossa diretoria está constituída de forma a representar as diferentes tendências dos grupos amadores gaúchos".

"Sobre o amador gostaria de colocar três aspectos: Sua importância no sentido de criar coisas novas, na medida em que está desvinculado de uma produção. Devemos tentar criar uma fonte de renda própria porque os auxílios oficiais sempre tolgem o trabalho. Um problema que enfrentamos é o de que o amador é obrigado a trabalhar em outras áreas para viver, pois não retira do teatro os meios para sua sobrevivência. Com

isso não temos muito tempo para dedicar-nos ao teatro, seria preciso criar um vínculo maior para o teatro amador".

JORNALISTAS

Nosso colega Antônio Hoffeldt esteve representando a classe de críticos e jornalistas ligados ao teatro. Sua colocação é transcrita na íntegra, não por motivos protecionistas, mas porque Antônio foi um dos raros que se manifestaram através de um texto escrito anteriormente.

"Completo neste ano de 1978, dez anos de militância jornalística, e de acompanhamento do teatro gaúcho e da cultura que se desenvolve no Rio Grande do Sul, de maneira geral. Creio que para atender ao convite que me foi formulado pela Diretoria de Atividades Culturais da Assembleia Legislativa e tecer algumas considerações sobre o teatro gaúcho, há que se começar antes por um outro item, que nas duas primeiras noites deste II Encontro já foi analisado: o problema do cerceamento da livre manifestação individual e especialmente artística.

Ninguém garante que eu, ou qualquer um de nós, ao sairmos desta sala, ou mesmo em seu interior, sejamos presos. Ninguém garante que se um de nós quiser sair do país, possa fazê-lo livremente. Ninguém impede que ameaça direta, por telefone ou pequenos bilhetes anônimos, sejam endereçadas a nossos familiares, diuturnamente, exigindo que calemos a boca. Há formas claras de fazer calar, como a censura, e há formas indiretas de pressionar, como a autocensura dos jornais, as subvenções, o apoio oficial à cultura, etc. Roberto Gomes, um professor de filosofia do Paraná, em seu livro "Crítica da Razão Tupiniquim, que talvez muitos de vocês conheçam, afirma que quando o Sistema totalitário não consegue calar a voz do artista através da censura, ele o faz de outra forma: mediante a elevação da cultura a um nível de elemento integrante do sistema, mediante concursos, contratação de artistas para seus serviços patrocinados e subvenções. Ruth Escobar e Lélia Abramo foram unânimes em dizer: a subvenção é dinheiro do povo, e a ele deve retornar. Não há, pois,

pois os grupos de teatro não se bancaram. Portanto, Contudo, quero que minha fala seja de denúncia da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de modo geral, e da Secretaria de Educação e Cultura, através do Departamento de Assuntos Culturais em especial; mais, que minha fala seja de denúncia dos produtores de teatro do Rio Grande do Sul, que abandonavam a causa verdadeira do Povo, que é a mesma do Teatro, em nome dos interesses privados de subvenções mesquinhas e acomodadas de certas exigências. Hoje, não é o Governo que subvenciona aos grupos de teatro, mas estes que subvencionam a propaganda do governo. A prova são as seguintes:

— Temos três ou quatro grandes produtores maiores de teatro no estado. No momento abstenho-me de citações, mas no decorrer do debate, se for preciso, as farei. Foi fundada, no início do governo anterior, e pretensamente reativado neste, a Comissão Estadual de Teatro, que inicialmente ficou desde logo tutelada pelo DAC/SEC, e acabou inexistindo na prática. Por que? Porque estes três ou quatro produtores, que conseguiram transar suas verbas lá dentro das burocracias estatais e municipais, preferiram esta modalidade, ao invés de cerrarem fileiras em sua associação ou na comissão, exigindo direitos iguais a todos os produtores, grandes médios ou pequenos; o que temos hoje? os próprios grupos que se usam e abusam-se entre si de protecionismos, preferência e censura indireta mediante seleção do que patrocinam ou não;

— Já tenho denunciado o fato de que a SEC vem pagando com três meses de atraso, quando paga no mesmo exercício, verbas empenhadas aos grupos que excursionam pelo interior. Disse isso — e ninguém me desmentiu — a propósito do Teatro Novo, do Arena, do Grupo Saphim e praticamente todos os do Rio Grande do Sul. Mas os grupos, ao invés de rezarem, continuam de cabeça baixa, financiando por vezes, até mais de cinqüenta mil cruzeiros ao Estado, que além de não pagá-los, fica alargando suas subvenções com fins nitidamente eleitorais, como costuma fazer o Secretário agora candidato Airton Vargas, que chegou ao cúmulo

GR 12 AGO
JORNAL: LOPPECIO DO POUO
CIDADE: PORTO ALEGRE
DATA: 12 AGO 78 PAG: _____

de mandar publicar num. e exemplar recense da Revista do Ensino, que a SEC vinha financiando metade das obras de reconstrução do Teatro São Pedro, quando sei de fonte original, que é a própria direção daquele teatro, que a SEC não pagou ainda dez por cento do que deveria, o que obrigou a direção daquela casa, a srta. Eva Sophie, a buscar dinheiro federal por conta própria.

— Quero denunciar, enfim, a perseguição a certos grupos, como o Arena, por parte da Prefeitura Municipal, e não apenas nesta administração, como na anterior, e ao grupo Oi nós, aqui través, que nos recentes acontecimentos que o envolveram, teve maior apoio da imprensa do que da Associação de Produtores.

— Enfim, quero lançar um desafio: se este II Encontro não culminar com um documento conjunto de jornalistas ligados ao setor, de autores, diretores e produtores, exigindo a dinamização da Comissão Estadual de Teatro, o fim da censura, o repúdio a quaisquer violências contra a expressão criadora e individual, treio que ele se terá frustrado. A hora é de identificação dos que efetivamente lutam pela liberdade ou o fazem apenas, com os lábios entreabertos. Temos de identificar os verdadeiros artistas e rechaçar aos que se valem da arte para promoção pessoal.

Sempre acreditei na íntima relação entre teatro e jornalismo. Mas especialmente depois do ano passado, ao integrar o júri que concedeu o 1.º prêmio de dramaturgia à peça Patética, de João Ribeiro Chaves Neto, mais tarde proibida e atualmente publicada, em torno da vida do jornalista Vladimir Herzog, morto nas dependências do DOI CODI paulista, tenho certeza de que jornalistas e homens de teatro têm muito que ver entre si. Por isso mesmo, cado o final do meu tempo de exposição a um jornalista que é também homem de teatro. Refiro-me a Júlio Zanotta Vieira, que atua na Folha da Manhã, é o autor das duas peças encenadas pelo grupo Oi nós aqui través. Eu gostaria que ele contasse a vocês, de viva voz, todas as pressões sofridas pelo seu grupo por parte da polícia e da censura de diversões públicas do estado. Obrigado.

JORNAL: CORREIO DO POVO

CIDADE: PORTO ALEGRE

DATA: 11 AGO 78

Encontro de Teatro divulga Carta Aberta com posicionamento de atores: Rio-São Paulo

Como tivemos oportunidade de comentar ontem, o II Encontro Estadual de Teatro, em sua realização na Assembleia Legislativa, tendo neste ano a ênfase nos assuntos mais diretamente, embora com a participação do público nem sempre totalmente bem informada — respeito dos temas. Léia Abramo, excelente atriz e atualmente presidente do Sindicato de Atores do Estado de São Paulo, ao encontrar-se na quarta-feira à noite com o público (mais numeroso que na noite anterior), passou a ler uma série de documentos que, fundamentalmente, abordam a absoluta necessidade de liberdade para a criação artística. Os documentos, aliás, já haviam sido fornecidos à tarde aos jornalistas. Um deles é o Boletim n.º 1 da "Comissão Permanente de Luta pela liberdade de expressão", que está integrada, dentre outras, pela Associação Brasileira de Imprensa, Associação Brasileira de Cineastas, Associação Brasileira de Documentaristas, Conselho Nacional de Cineclubes, Associação Brasileira de Artistas Plásticos, Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, Associação Brasileira para o Estudo dos Quadrinhos, Sociedade Musical Brasileira, Associação de Atores, Comitê de Imprensa Independente, Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro, Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro, Associação Pró-Teatro da Tijuca, Associação Carioca de Críticos Teatrais, Clube de Criação de Rio de Janeiro, Centro de Artes da FINEG, Associação Brasileira de Documentaristas de São Paulo, Associação Profissional de Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões Públicas do Estado do Paraná, Associação de Profissionais Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões Públicas do Estado de Minas Gerais, Escola de

Teatro Martins Penna, Centro Acadêmico da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Associação dos Trabalhadores em Teatro e Dança do Estado da Bahia, à qual se associou ontem a Associação dos Profissionais Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões do Estado do Rio Grande do Sul. O documento diz o seguinte:

BOLETIM
"O acesso à informação, à obra de arte, ao livre exercício da criatividade é um direito inalienável do ser humano. Em todos os setores e no cotidiano da coletividade, ele deve ser respeitado e garantido. A interdição de uma peça, a proibição de um filme, o recolhimento de um livro, o corte de um verso, o veto de matérias e a apreensão de jornais e revistas, nenhum desses atos pode ser encarado com naturalidade: são anomalias com repercussões diretas no crescimento de um povo e na vida de uma Nação. São algumas impedindo e frustrando o pleno desenvolvimento daqueles que vivem, nos mais diferentes setores.

Os efeitos perniciosos, crueis e sufocantes da Censura fazem parte do nosso dia-a-dia já há tanto tempo, que o nosso natural sentimento de indignação se vê diluído ou fracionado em protestos isolados.

Mais do que nunca conscientes das motivações que regem esse cerceamento arbitrário à criação, ao pensamento e à livre manifestação de idéias, decidimos agora por uma tomada de posição coletiva, através de uma Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão.

A Comissão é tornada pública num momento em que a repressão recrudescer. Quase diariamente tomamos conhecimento de brutais intervenções dos órgãos censórios na vida

cultural do País, proibindo, cortando, apreendendo, deturpando a autenticidade da criação, atrasando a programação das empresas, causando irreparáveis prejuízos morais e materiais aos artistas, aos intelectuais, aos produtores, ao público e, em muitos casos, fechando drasticamente o já em si precário mercado de trabalho nos diversos setores da atividade cultural.

Neste momento, em que a aspiração a uma organização democrática das instituições aparece claramente como o resultado de um consenso nacional, pesa sobre os ombros de todos e de cada um de nós um profundo sentimento de responsabilidade. É inadmissível uma institucionalização democrática que tenha como condição a insegurança, o silenciamento ou a omissão forçada do cidadão, do artista, do intelectual. A democracia não pode conviver com a negação da variedade e da complexidade dos valores implícitos no próprio conceito da Cultura. Repudiamos um progresso que não tenha por base, obrigatoriamente, o respeito à diversidade de opiniões, à ampla circulação de informações e conhecimentos e à livre manifestação do pensamento.

Assim, congregados nesta Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão, partimos para uma ação coletiva e una, voltada não apenas para o repúdio às manifestações da Censura, como ainda, e principalmente, para um estudo sério e cuidadoso dos prejuízos que essas manifestações vêm causando ao povo brasileiro, dos pontos de vista cultural, econômico-financeiro e do mercado de trabalho. Estamos, deste modo, dando corpo a uma união em que todos nós — gente do Teatro, Cinema, Literatura, Música, Artes Plásticas e Gráficas, Fotografia, História em Quadrinhos, Publicidade, Imprensa,

Rádio e Televisão — atuamos coletivamente a respeito dos atentados contra a liberdade de pensar, criar e trabalhar.

CARTA ABERTA
Lélia Abramo leu, a seguir, o documento fixado pelos Sindicatos de Atores do Rio de Janeiro e de São Paulo, Associações Profissionais de Artistas e Técnicos em Diversões Públicas, Teatro e Dança da Bahia, Minas Gerais, Paraná, a respeito da regulamentação da profissão de ator, que diz o seguinte:

"A sociedade brasileira está submetida, cada vez mais, a regras anti-democráticas impostas, principalmente aos trabalhadores — força viva e produtiva da Nação, por meio de atos de força e violência, aplicados por uma minoria improdutiva da comunidade, cujo único objetivo é a apropriação de um poder despótico.

São muitos anos de sofrimento. Parcela de um corpo de cerca de 100 milhões de trabalhadores, a classe artística desse País, quer declarar ao seu povo que não suportará mais as pressões sobre a sua consciência, o laço sobre a sua boca, as amarras sobre a sua criação e os castigos por ousar o direito à liberdade.

O exercício da criação germina a cultura, uma das ligações mais genuínas entre os homens, os povos e as Nações. O cerceamento desse exercício anula a identidade dos homens, apaga a cultura dos povos, ameaça a paz entre as Nações. E os cerceadores da liberdade raramente vivem para pagar pelas consequências de seus atos, legando às gerações futuras a árdua tarefa de vencer o obscurantismo e a dominação.

A atividade criativa em nosso País, além de sofrer a invasão do nosso mercado de trabalho e dos nossos espaços culturais pela produção estran-

JORNAL: CORREIO DO Povo
 CIDADE: PORTO ALEGRE
 DATA: 11 AGO 1964

geira, sobre o estrangulamento das poucas possibilidades de produção que nos sobram pela ação retrograda e repressora de uma censura, cuja finalidade, dita de zelar pela ordem, a moral e os bons costumes, etc., é, pela sua natureza, os princípios universais dos direitos do homem, não podendo esconder o objetivo de zelar pela ordem da força, pela moral da violência e pelos bons costumes dos privilegiados. Livros são condenados. Peças teatrais são proibidas, impedindo autores, artistas e técnicos de trabalharem. Filmes são apreendidos impossibilitando o povo de ver nas telas o discurso e o debate sobre a sua realidade. Quadros levam um pintor a julgamento e sentença de um ano de prisão.

Nosso homem está perdendo a sua identidade. Nosso povo está sentindo apagar-se a memória da sua cultura.

Nossa Nação precisa reconquistar o seu caráter democrático.

O convívio de entidades sindicais livres no seio de nossa sociedade é hoje como uma lenda de gerações passadas impalpável nas mãos das novas gerações. Há anos, o trabalhador brasileiro tem sobre si o peso de uma legislação sindical policial, intervencionista, semeadora da divisão interna e de um carreirismo pelo ego e nocivo à consecução dos anseios mais profundos da classe. A convivência diária com esse jogo de cartas marcadas provocou a decência da nossa classe impingendo-lhes amarras que só agora com uma reflexão mais profunda, uma organização mais coesa e com uma prática mais contundente começam a ser desatreladas pelas mãos daqueles que são os legítimos donos da defesa dos seus próprios direitos.

O sindicato representa o elo

canalizador da maior força da classe: a união dos trabalhadores que organizada se transforma em arma eficaz na defesa do seu mercado de trabalho, do seu direito de participar das tomadas de decisões sobre seus destinos e os destinos da Nação da qual são os cidadãos mais vivos e legítimos.

Se faz necessário unir as forças de todos os trabalhadores, sejam eles de qualquer natureza, para nos livrarmos do fardo repressivo de uma legislação que enroscava a nossa história, que enfraquece a nossa luta e que nos transforma num rebanho alvidado e no sumo de um matadouro.

Os artistas e técnicos vêm cerrar fileiras com todos os trabalhadores brasileiros pela ampliação do seu espaço de luta, pela imediata transformação das Associações Profissionais dos Estados em Sindicatos e pelo apoio total e incontestado a todos aqueles Sindicatos que erradicaram do seu meio o peleguismo, propondo-se a um programa de ação, determinado pelas bases trabalhadoras que protestam, há 14 anos, contra a supressão do meu mais legítimo direito, consagrado universalmente: O Direito de Greve.

Assim, como todos os trabalhadores, os artistas e técnicos vêm lutando, há muitos anos, pelos direitos que lhes tem sido negados, e, até mesmo subtraídos.

Na luta pela regulamentação de nossa profissão, enfrentamos muitos engodos dos poderes públicos, com fins eleitorais. Permitimos a manipulação de nossos interesses, sem solução para nossas necessidades.

Precisamos, no entanto, ter clareza de que não devemos aguardar o paternalismo de um poder que nos repudia e persegue.

Nesse momento, em que se vislumbra a possibilidade de alcançarmos uma conquista com sancionamento da lei 6353 que profissionaliza a nossa atividade, está sendo concedido aos empresários que sempre nos humilharam e exploraram, o poder de omitir e confundir as regras indispensáveis à garantia da aplicação dos princípios da lei que refletem nossas reivindicações.

Não é justo que o poder econômico, detentor dos meios de produção e controlador da distribuição da oportunidade de trabalho, discipline as nossas profissões.

Não aceitamos uma regulamentação profissional feita pelos patrões.

A classe artística brasileira, lançada pelos açoitados imposições de pensamento e de comportamento, quer declarar ao povo deste país que não se conforma e não aceita ser condenada a um exercício de vida, onde lhe são negados os princípios mais elementares assegurados ao homem nas sociedades livres.

Os artistas e técnicos que proporcionam a diversão e o entretenimento ao seu povo, não querem ser encarados como marionetes sob as tendões do poder, mas como trabalhadores integrantes do corpo deste povo, cuja aspiração maior é o reconhecimento destes tendões para que a criação, o pensamento, sua manifestação, e a participação dos trabalhadores no destino da Nação sejam livres.

Se um menor público tem comparecido aos encontros e debates, não diminuiu conteúdo para os espetáculos, e este é um primeiro detalhe a anotar. O outro é que o encontro deste ano mudou seu ritmo e seu enfoque, bem como pedia a Associação de Profissionais Artistas e Técnicos

em Espetáculos de Diversão do Rio Grande do Sul, que no próximo dia 14, em princípio, deverá transformar-se inclusive em Sindicato: é que se enfrentem os reais problemas do teatro brasileiro. Por tudo isso, a mesa redonda de ontem à tarde era aguardada com expectativa pelos que vivem ligados ao teatro, pois esperava-se uma discussão ampla quanto objetivos, e, inclusive um choque entre alguns setores, especialmente o de atores em confronto com o de empresários.

PROGRAMA DE HOJE

A programação de hoje constará, às 19 horas, do debate com o cenógrafo e diretor Gianni Ratto; às 21 horas, apresentação de "Greta Garbo, quem diria, acabou no Iraí", de Fernando Meirelles, pelo Grupo Presença, de Santa Maria.

CARTA ABERTA AO POVO BRASILEIRO

A sociedade brasileira está submetida, cada vez mais, a regras anti-democráticas impostas, principalmente aos trabalhadores — força viva e produtiva da Nação — por meio de atos de força e violência, aplicados por uma minoria improdutiva da comunidade, cujo único objetivo é a propriedade de um poder despótico.

São muitos anos de sofrimento. Parcela de um corpo de cerca de 100 milhões de trabalhadores, a classe artística desse País, quer declarar ao seu povo que não suporta mais as pressões sobre a sua consciência, o laço sobre a sua boca, as amarras sobre a sua criação e os castigos por ousar o direito à liberdade.

Do exercício da criação germina a cultura, uma das ligações mais genuínas entre os homens, os povos e as Nações. O cerceamento desse exercício anula a identidade dos homens, apaga a cultura dos povos, ameaça a paz entre as Nações. E os cerceadores da liberdade raramente vivem para pagar pelas consequências de seus atos, legando às gerações futuras a árdua tarefa de vencer o obscurantismo e a dominação.

A atividade criativa em nosso País, além de sofrer a invasão do nosso mercado de trabalho e dos nossos espaços culturais pela produção estrangeira, sofre o estrangulamento das poucas possibilidades de produção que nos sobram, pela ação retrógrada e repressora de uma censura, cuja finalidade, dita de zelar pela ordem, a moral e os bons costumes, contrária, pela sua própria natureza, os princípios universais dos direitos do homem, não podendo esconder o objetivo de zelar pela ordem da força, pela moral da violência e pelos bons costumes dos privilegiados. Livros são condenados. Peças teatrais são proibidas, impedindo autores, artistas e técnicos de trabalharem. Filmes são apreendidos, impossibilitando o povo de ver nas telas o dia a dia e o debate sobre a sua realidade. Quadros levam um pintor a julgamento e sentença de um ano de prisão.

Nosso homem está perdendo a sua identidade. Nosso povo está sentindo apagar-se a memória da sua cultura.

Nossa Nação precisa reconquistar o seu caráter democrático.

O convívio de entidades sindicais livres no seio de nossa sociedade é, hoje, como uma lenda de gerações passadas, impalpável nas mãos das novas gerações. Há anos, o trabalhador brasileiro tem sobre si o peso de uma legislação sindical policialista, intervencionista, semeadora da divisão interna e de um corporativismo pelego e nocivo à consecução dos anseios mais profundos da classe. A convivência diária com esse jogo de cartas marcadas provocou a degeneração da nossa classe, impingindo-lhe amarras que só agora, com uma reflexão mais profunda, uma organização mais coesa e uma prática mais contundente começam a ser desatreladas pelas mãos daqueles que são os legítimos donos da defesa dos seus próprios direitos.

O sindicato representa o elo canalizador da maior força da classe: a união dos trabalhadores que, organizada, se transforma em arma eficaz na defesa do seu mercado de trabalho, do seu direito de participar das tomadas de decisões sobre seus destinos e os destinos da Nação da qual são os expoentes mais vivos e legítimos.

Faz-se necessário unir as forças de todos os trabalhadores, sejam eles de setores econômicos quaisquer, para nos livrarmos do fardo repressivo de uma legislação que enxovalha a nossa história, que enfraquece a nossa luta e que nos transforma num povo dividido, rumo a um matadouro político.

Os artistas e técnicos vêm cerrar fileiras com todos os trabalhadores brasileiros pela ampliação do seu espaço de luta, pela imediata transformação das Associações Profissionais dos Estados em Sindicatos e pelo apoio total e incontestado a todos aqueles sindicatos que erradicaram do seu meio o peleguismo, propondo-lhes a um programa de ação, determinado pelas bases trabalhadoras que protestam, há 14 anos, contra a supressão do seu mais legítimo direito, concedido universalmente: O DIREITO DE GREVE.

Assim como todos os trabalhadores, os artistas e técnicos vêm lutando, há muitos anos, pelos direitos que lhes tem sido negados, e, até mesmo, ameaçados.

Na luta pela regulamentação de nossa profissão enfrentamos muitos engodos dos poderes públicos, com fins eleitoreiros. Permitimo a manipulação de nossos interesses, sem solução para nossas necessidades. Precisamos, no entanto, ter clareza de que não devemos aguardar o paternalismo de um poder que nos reprime e persegue.

Nesse momento, em que se vislumbra a possibilidade de alcançarmos uma conquista com o sancionamento da lei 6533 que profissionaliza a nossa atividade, está sendo concedido aos empresários que sempre nos humilharam e exploraram, o poder de veto e confundir as regras indispensáveis à garantia da aplicação dos princípios da lei que refletem nossas reivindicações.

Não é justo que o poder econômico, detentor dos meios de produção e controlador da distribuição da oportunidade de trabalho, discipline as nossas profissões.

Não aceitamos uma regulamentação profissional feita pelos patrões.

A classe artística brasileira, surrada pelos efeitos de imposições de pensamento e de comportamento, quer declarar ao povo deste País que não se conforma e não aceita ser condenada a um exercício de vida, onde lhe são negados os princípios mais elementares assegurados ao homem nas sociedades livres.

Os artistas e técnicos que proporcionam a diversão e o entretenimento ao seu povo, não querem ser encarados como marionetes sob os tendões do poder, mas como trabalhadores integrantes do corpo desse povo, cuja aspiração maior é o rompimento desses tendões para que a criação, o pensamento, sua manifestação e a participação dos trabalhadores no destino da Nação, sejam livres.

1 ENCONTRO
NACIONAL
DE ARTISTAS
E TÉCNICOS

Sindicato dos Artistas e Técnicos / Rio
Sindicato dos Artistas e Técnicos / São Paulo
Associação Trabalhadores em Teatro e Dança / Bahia
Associação Profissional dos Artistas e Técnicos / Minas
Associação Profissional dos Artistas e Técnicos / Paraná
Asa — Associação dos Atores / Rio
Comissão Permanente pela Liberdade de Expressão
Federação de Teatro Independente do Rio

ASSOCIAÇÃO PROFISIONAL DOS ARTISTAS E
TÉCNICOS EM ESPETÁCULOS DE DIVERSÕES
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Fm 09 Ago 78

27

Lélia Abramo faz palestra hoje à noite na Assembléia

Na programação de hoje do II Encontro Estadual de Teatro — que se realiza durante a semana no auditório da Assembléia Legislativa, há a apresentação de duas peças gôdelias e palestra de Lélia Abramo. Sangue na Laranjada, de Ivo Bendor, será apresentada às 16 horas, pelo Grupo Seraphin, direção de Luiz Arthur Nunes; às 21 horas — após a palestra que terá início às 19 horas — A Outra Face da Moeda, de Elison D'Aquino, pelo Grupo Seda, direção do autor. Todas as atividades têm entrada franca.

Sangue na Laranjada — que teve sua estréia em maio — é um espetáculo formado por três peças curtas de Ivo Bendor em que aparecem as mesmas personagens: As Cartas Marendas ou Os Assassinos; Sangue na Laranjada; e Alvorada Ciclame ou A Rete Está Lançada. Os textos contam a estória da empregada doméstica Aspúcula que toma o poder na casa onde trabalha.

Luiz Arthur Nunes, o diretor, diz que do ponto de vista formal as peças são bastante diferentes uma da outra: "As Cartas possui um tom farsesco de uma comédia irresistível. Em Sangue na Laranjada os personagens ganham maior consistência e estabelece-se um clima de maior densidade, mas as palavras fogem à lógica. Na Alvorada Ciclame a ordem é restabelecida e cada palavra significa apenas o que sempre quis dizer. É a mais lúrida das três peças e pode ser caracterizada como uma comédia realista".

O elenco de Sangue na Laranjada é composto por: Cuto Pereira (Alvaro Ruperstein, o dono da casa), Aparecida Dutra (Rosário, mulher de Alvaro), Graça Nunes (a empregada Aspúcula) e Luiz Arthur Nunes (Santiago Herá, o amante de Rosário). Os cenários foram criados por Solange Uffacker e os figurinos por Cuto Pereira.

A Outra Face da Moeda, um musical com texto e direção de Elison D'Aquino, faz sua estréia hoje. A produção e realização é do Grupo Seda que foi criado em 1974, em Novo Hamburgo, como Estudos Elison D'Aquino, mas está radicada em Porto Alegre a partir deste ano.

Em Novo Hamburgo o grupo realizou montagens como O Pagador de Promessas, de Dias Gomes; Multi Show, de Alizon D'Aquino; além de peças infantis como O Rapto das Cebolinhas e Fluff e Fantasminha, de Maria Clara Machado; A Revolta dos Brinquedos, de Pernambuco de Oliveira. Em 1975 o grupo foi responsável pela produção de A Exceção e a Regra, de Brecht, com direção de Augusto Hernandez.

O elenco de A Outra Face da Moeda é formado por: Lauri Kunzler (Palhaço), Toni Luis Santos (Psiquiatra), Nara Beck (Prostituta), Salim Roger (Aleijado, Cozinheiro e Cientista), Elison Couto (Travesti), Leandro Cristian (Garçon e Datilógrafo), Luiza Dias (Vítua), Kicho Nazário (Dionísio), Edino Ries (Shaitan), Elison Couto (Zeus), Bailarinos: Marice D'Aquino, Elison Couto, Mari Silva, Geni Markem, Rosa Mari e Rejane Dohle.

A palestra de hoje à noite, às 21h, na Assembléia Legislativa dentro do Encontro Nacional de Teatro, será feita pela atriz Lélia Abramo, presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos do Estado de São Paulo. Empossada em 27 de janeiro passado, Lélia foi eleita com 164 votos contra 134 da situação que dominava o Sindicato há 15 anos, substituindo o ator Juca de Oliveira na diretoria.

Desde o início de sua gestão ela se dispõe a "acabar com a apatia do ator", o Sindicato dos Artistas possui mais de 800 associados, se propondo ao fortalecimento da entidade "para que o artista possa brigar por seus direitos". Um dos itens de sua plataforma era conseguir o pagamento integral a todos os artistas e técnicos da TV Tupi, em sua opinião, um dos melhores exemplos que definia a catagorização da classe.

"— Os sindicatos existem para que o Governo tome conhecimento das reivindicações das classes trabalhadoras. Mas diante da conjuntura e do sistema que aí está, pouco se pode fazer, afirmou logo após ter recebido a notícia de sua vitória como presidente do Sindicato dos Artistas de São Paulo, em novembro do ano passado".

RECIBO FOLHA DA MANHÃ
Cidade: PORTO ALEGRE
DATA: 09 AGO 78

Lélia Abramo: "Fomos ludibriados pelo Governo na questão da regulamentação"

A entrevista coletiva de Lélia Abramo, ontem à tarde, teve bem menor participação de jornalistas, e converteu-se, por isso mesmo, num diálogo bastante objetivo, em que a atriz, hoje presidente do Sindicato de Atores Profissionais do Estado de São Paulo, teve a ocasião de passar ao presidente da Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio Grande do Sul — APATEDEFRGS, ator Sapirar Brito, um conjunto significativo de documentos que resumem as atividades daquele sindicato do Rio de Janeiro, em função da regulamentação da profissão de ator, cujo ato final, por parte do governo, deverá ocorrer no próximo dia 19.

EXPERIÊNCIA

"Não posso ensinar a rezar ave-maria e padre-nosso ao vigário" começou declarando a atriz, quando interrogada a respeito do que iria falar à noite, no encontro com o público, na continuidade do II Encontro Estadual de Teatro, ora em realização na Assembléia Legislativa. E continuou: "Não sou palestrante profissional, eu só posso transmitir a minha experiência pessoal e profissional. Venho, em última análise, por decisão do meu Sindicato, defender as suas cores, já que vocês ouviram, ontem, aqui mesmo, a uma empresária".

Lélia referia-se a Ruth Escobar, e por isso a indagação seguinte foi a de se tal referência implicava em oposição da classe de atores à dos empresários:

"Evidentemente que temos diferenças com os empresários. Estamos em um regime capitalista, mas como tudo no Brasil, há empresários e empresários. De um lado, aqueles que formam o pequeno grupo de produtores que estão nos grupos independentes e de vanguarda que estão muito próximos de nós, atores, trabalhadores do palco, cuja sobrevivência é tão precária quanto a nossa, porque neste sistema, que é subdesenvolvido e capitalista, ao mesmo tempo, cada vez mais se torna difícil a sobrevivência dos pequenos grupos de teatro, por toda a política oficial e pela infra-estrutura existente. Os alugueiros de salas, pelo menos no Rio e São Paulo são incríveis. A publicidade é monstruosamente cara. A televisão imbecilizou o

critério dos próprios atores quanto a suas remunerações; engraxadas que são pela aparência riqueza dos astros da tevê, que não somam a duas dezenas, enquanto todos os demais vivem tão miseravelmente como os outros. Além do mais, não se pode exigir do empresário de televisão, por exemplo, e o impasse criado de toda esta situação faz com que um bom número de montagens acabem não se realizando. Por certo que um ator, em seu trabalho, merece até três vezes mais como salário. Mas ocorre que algumas empresárias que podem pagar, contratam astros e estrelas, e não atores, e portanto, corremos neste momento o grave risco de uma deterioração absoluta de nosso teatro. A censura por certo é o mal pior, mas a situação da mentalidade empresarial da grande montagem não nos pertence, e tem que ser contestada".

SUBVINCÇÕES

A pergunta sobre as subvenções e seu poder corruptor, Lélia respondeu:

"Só se corrompe quem quer, embora deva-se reconhecer que o dinheiro sempre corrompe. A subvenção pode ter como objetivo ajudar, mas sempre será, no atual estágio brasileiro, uma força controladora, constritora, e muito facilmente pode tornar-se algo corruptor. Isso não impediria, contudo, que o teatro sobrevivesse. Ocorre, porém, que há toda uma conjuntura política, em que um controle fortíssimo do Estado cerceia e impede qualquer coisa criativa de se manifestar, e nem o Serviço Nacional de Teatro escapa deste problema. Não devemos ferir, por isso, o efeito apenas desta situação, mas todo o complexo. Na Itália e na França, o governo não financia peças comerciais. Dito em outros termos, ao financiar peças sérias, acaba por financiar montagens contestatórias, sem que nem por isso tremam suas bases. É que infelizmente no Brasil vivemos uma situação de submissão absoluta, e se alguma peça de contestação passar, a gente acaba até correndo o risco de oficializar a contestação,

como ocorreu por exemplo com o movimento hippie. Aliás, já disse alguém que esta é a grande vitória do capitalismo, ele sempre absorve os elementos contrários, capitalizando-os em seu interesse. O teatro é uma organização muito frágil e pode

facilmente sofrer tal situação de pressões. É evidente que tudo isso nunca vai impedir que alguém, de uma ou outra forma, sempre diga a palavra certa. Veja-se o caso do grupo El Joglars, da Espanha, que esteve no Festival de 1976, em São Paulo. Eles conseguiram encontrar a maneira de, apesar da censura, dizer o que tinham a dizer, sem qualquer concessão. Parece-me que nós não conseguimos fazer isso, apesar de todo o virulento teatro que se fez até 1968. Ocorre porém, e isso firava claro naquele espetáculo, que eles têm toda uma tradição teatral que não possuímos, e isso conta muito. Não se esqueçam que temos mais de quatrocentas peças proibidas, e por certo neste lote algumas terão excelentes. Isso leva, por exemplo, os empresários a remontarem velhos textos. A remontagem em si não é ruim, pois as novas gerações devem conhecer os clássicos. Mas creio que na atual situação, um certo tipo de teatro não nos interessa, a não ser para o lucro do bolso de certos empresários que exploram a alienação de certa parcela da burguesia. Alguns diretores chegam mesmo a fazer tais espetáculos com conotações de esquerdismo só para salvarem suas próprias consciências, o que é ainda mais perigoso, porque é cínico e falso".

COOPERATIVAS

Em resumo, é o teatro em si que está sendo agredido, e toda a sociedade brasileira. Para sobreviver, diz Lélia Abramo, uma solução viável seria a formação de cooperativas de teatro:

"No Brasil, contudo, só pode fazer cooperativa a área rural, e isso através do INCRA. Mas se temos esta dificuldade, há outras realidades que vão facilitar tal projeto. O cooperativado é um pequeno empresário. Ele lucra ou perde conjuntamente. Hoje, a própria Europa volta a este esquema, na medida em que as contradições do capitalismo levam os empresários a um impasse devido à artificialidade dos preços do mercado. Sei que os empresários teatrais brasileiros vêm dizendo que a regulamentação vai impedir a cooperativa, mas isso é falso, e creio mesmo que em virtude de nossa situação específica, em breve será a única solução. Em São Paulo já se tenta há muito esta saída, mas parece que a deficiência maior é a nível de organização interna ou de consciência da realidade. Há mes-

COPIA DO POU
CICLO: PORTA ALFREDE
DATA: 10 ABO 72 P. 28

ESTRUTURA	COLEÇÃO DO FOUO	TIPO DE INFORMAÇÃO
SUBSEÇÃO	PORTO ALEGRE	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO
ESTRUTURA	18 A60 78	ASSISTENTE SOCIAL
ESTRUTURA		ASSISTENTE SOCIAL

mo alguns grupos, como o de Santo André e o Grupo Aldebarán que sobrevivem na periferia, embora em condições precárias devido ao pequeno custo do ingresso e aos locais pouco propícios para os espetáculos. Para mim, parece-me que falta é o espírito de disciplina para que tal organização vingue".

ORGANIZAÇÃO

O tema, portanto, é a regulamentação, e Léila, após entregar vários documentos, comenta a situação:

"A grande luta, de um lado, será com os empresários. Eles vão ter que pagar o que devem ao ator. Num primeiro momento, haverá por certo um refluxo da produção, uma baixa de trabalho, e esta época será propícia para a formação das cooperativas. Depois, o MEC terá que estabelecer critérios para a profissionalização. Já se sabe que para diretor, cenógrafo e sonoplasta exige-se curso universitário, e para ator o secundário. Mas a realidade

brasileira é diferente. Então, o nosso sindicato junto com o do Rio, pensa em organizar uma Comissão de Ética. Para tanto consultaremos as associações já existentes na Bahia, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul, porque teremos que levar em conta as peculiaridades regionais, de maneira a criar um regulamento geral e critérios regionais. Os produtores são contra a regulamentação por motivos óbvios. Os sindicatos — e mais tarde a Federação — vão então ter que decidir critérios reais para a aceitação de um ator, porque o Brasil é muito complexo".

LUDIBRIO

Especificamente sobre a regulamentação, Léila Abramo traz então a palavra do seu Sindicato, após reunião realizada, na última segunda-feira, no Rio, com representantes de entidades de atores de todo o País:

"O projeto existente é deficiente, é falho. Havia um bom, de 1975, rejeitado pelo governo, com 80 itens. Ele nos apresentou outro, depois, e que recusamos. Então, fomos dado um prazo de um ano, que se esgotou, para que fizéssemos algo. O projeto foi basicamente feito pelo sindicato do Rio, com consultas a Brasília, e resultou em 35 itens. Era precário, mas só o artigo 13, que falava da proibição de cessão dos direitos de intérprete, valia por tudo. Os prazos para debates com o governo foram curtíssimos, trabalhamos como loucos, nos matamos. E o Ministério do Trabalho sempre defendia a validade do projeto lembrando o artigo 13. Só que na hora do bom bom, ocorreu que o artigo 13 não competia ao Ministério do Trabalho resolver, mas sim ao MEC, e o MEC o recusou, de formas que o projeto final ficou sem aquele item. Então, fomos absolutamente ludibriados pelo Governo, porque o pessoal do Ministério do Trabalho sempre soube do fato e nunca disse nada. O que podemos hoje declarar é que a posição do Governo nisso tudo nos parece clara: fomos usados para efeito de propaganda política, para capitalizar simpatias do público (em face da presença dos grandes atores da televisão na comissão, já que os astros do futebol andam de pouca sorte), mas o projeto nos enganou. A reunião da

última segunda-feira no Rio foi ocupada por esta discussão, e dela tiramos uma "Carta ao Povo brasileiro" em que denunciávamos tal situação, protestando contra o projeto. Infelizmente, não tivemos força para levantar toda a nação ou ao menos todos os artistas, de todos os setores, para que parássemos pelo menos um dia, em nossas atividades, em sinal de protesto. Teremos talvez que aceitar esta deturpação que nos impingiram, e por isso mesmo ficaremos em assembleia permanente até o próximo dia 19, quando, Dia do Ator, o governo pretende promulgar a regulamentação. Nós pretendemos comparecer ao ato, mas estamos prevendo ações de protesto que revelem à opinião pública a falsidade e a farsa".

Lembra Léila que a primeira greve dos últimos tempos feita no Brasil foi a dos 118 dias, efetivada pelos dubladores do Rio e logo depois de São Paulo, movimento que nos esgotou, que nos deu vitória parcial, mas que valeu. Agora, esperamos reunir as associações de Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre para: alcançar novos resultados". — Entrevista a Antonio Hohlfeldt.

FT 14 AGO

JORNAL: FOLHA DA TARDE
CIDADE: PORTO ALEGRE
DATA: 14 AGO 78

Uma atriz na luta pela liberdade e o fim da censura



Lélia Abramo, atriz de teatro, participando do II Encontro Estadual de Teatro como presidente do Sindicato dos Artistas de São Paulo, falou de censura e liberdade, promoção da Assembléia Legislativa do Estado em um dos debates que vêm se realizando desde o dia 8 e que se estenderão até 13 de agosto, questionando a situação do artista gaúcho e nacional.

ATENCÃO

O original deste documento (com 01 folha) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

FT 11 A60

JORNAL: FOLHA DA TARDE
CIDADE: PORTO ALEGRE
DATA: 14 A60 78

"S ou apenas uma atriz". Assim Lélia Abramo, presidente do Sindicato dos Artistas de São Paulo, se definiu quando iniciou os trabalhos que iriam comentar e denunciar a censura no Brasil como meio de impedir o desenvolvimento das artes e a liberdade do povo. A palestra de Lélia Abramo foi um dos temas que estão sendo discutidos no II Encontro Estadual de Teatro, promovido pela Assembleia Legislativa.

Sensibilizada e um pouco apavorada por ter que enfrentar o público não mais como atriz, Lélia Abramo não considerou a exposição de fatos — leitura de cartas e documentos que serão enviados às autoridades pedindo que se coloque um ponto final na censura — como uma palestra, e sim uma conversa frente a frente com a plateia.

De seu ponto de vista como representante de uma categoria profissional pensa que a regulamentação da profissão do artista não é nada mais do que uma aparente vitória. "É um projeto deficiente, falho, que não consegue colocar nem a metade das questões que queremos".

Entre elas estava a tão falada censura, que faz parte das muitas reivindicações pedidas por diversas entidades ao governo através de documentos enviados. Uma dessas entidades é o Comitê Permanente da Luta pela Liberdade de Expressão com sede no Rio de Janeiro e que aqui, conforme Lélia Abramo, também se faz necessário.

Ao mesmo tempo, os artistas, através do depoimento de Lélia, se sentem perplexos e desesperados com a promessa que tiveram dos órgãos oficiais, para logo depois tirar-lhes o tapete de baixo dos pés e deixá-los no ar. Isto é, o governo não regulamentou a Lei do Interpret, artigo 13 da Constituição, que assegura os direitos da interpretação.

Assim, o governo pretende no próximo 19 de agosto, Dia do Ator, sancionar a lei que regulamenta a profissão do artista. Nesse mesmo dia, os artistas vão entregar ao presidente Ernesto Geisel um documento pedindo a volta da democracia, o direito universal da greve, a liberdade de expressão.

Por outro lado, o público não ficou calado esperando belas palavras. As perguntas eram das mais variadas e questionavam a atriz nas coisas inclusive óbvias, como se a censura é um meio de enterrar a cultura de um povo, se o povo necessita liberdade e sabe usar dessa liberdade. A essas perguntas Lélia respondeu que "o

povo tem condições de usar a liberdade, simplesmente porque nasceu livre, é livre em si próprio, como tal deve morrer livre".

Quando aos sabores e dissabores do teatro, Lélia argumentou que o saber está no público, nas pessoas que assistem e prestigiam a arte. Os dissabores estão na estrutura e na infra-estrutura de trabalho, que não oferece garantia alguma como está sendo usada, não requer grandes talentos, maneiras perfeitas de expressão, gestos ou voz.

O que não deixa de ser, em outras palavras, também um mercado precário. Seja pelos recursos que se restringem ao Rio e São Paulo, seja pela mentalidade mercantilista, que acaba prejudicando as potencialidades expressivas essenciais a um ator. "Porque a televisão, na forma com está sendo usada, não requer grandes talentos, maneiras perfeitas de expressão, gestos ou voz".

Também não faltou quem perguntasse: "Por que os artistas aceitam a subvenção do Serviço Nacional do Teatro se eles têm tantas críticas a fazer ao governo?" Lélia não hesitou em dizer que se o dinheiro é do povo, se o povo deve voltar. Ora, sabe-se que em todos os países adiantados, o teatro é subvencionado pelo governo e os atores trabalham nele sem problemas de censura porque são livres.

Mas se o teatro é uma forma de contestação à sociedade de uma época, é uma arte que fala do momento em que se vive, não vai ser ele sozinho conseguirá essa liberdade que tanto se fala. "Liberdade não é coisa que se ganha, é coisa que se conquista. Na luta. E para isso os povos terão que lutar. O teatro, como uma parcela da sociedade, se propõe a lutar junto com outras parcelas, não sozinho".

A atriz ainda coloca que o importante é lutar e não ficar inerte pelas costas, sem fazer nada. É preciso conseguir um espaço para a palavra e as lutas isoladas não podem ser vitoriosas sem o apoio do povo. O espaço a que Lélia se refere é o direito de manifestação. O direito a um teatro que realmente reflita o momento de sua época.

"Porque o teatro sempre foi uma forma de denunciar, trágica ou cômica, os acontecimentos e defender o direito dos fracos e oprimidos. O teatro não foi feito para projetar problemas individuais e existenciais de uma minoria que desaparece com o tempo. Ele usa o ser humano como forma de manifestação".

ASP/SNI

TALA MESTRE

pastas n.o

Dados do Protocolo	Documento	ENC. Nº 136/19	15. SET 78	03552
	Data	13 Set. 78		
	Origem	AC/SNI		
	Assunto	Momento Teatral - II Encontro Estadual de Teatro - (EET) Porto Alegre - RS		Ref.:

DISTRIBUIÇÃO	GABINETE		SE - INFO - INTERNAS					SE - OP E C/ INFO			SE ARQ-INFO BIOG		SE ADM.		
	ST	ST	SS	SS	SS	SS	SS	SS	SS	SS	SS	ST	ST	ST	
	PROT	COM	ATV	ATV	ADM	ATV	ATV	OP	C/INFO	TEC	INFO	ARQ	FIN	PES	ARQ

Data: 15 SET 78 SS/119

Tomar Conhecimento	Falar com a Chefia	Anotar	Processar	Aprofundar
Estudar	Acompanhar	Arquivar	Montar Infão	Integrar

PROVIDÊNCIAS

D.º KLIAWERT: Providência fl. 1

Tala feita: 29/9/78

File arquivamento - (C)

Providência Final	Providenciado	Arquivamento Final <i>fl. 1</i>		
	Enc.	Data:		
	Infão	CH ASP	CH GAB	CH SE INFO

45/10/78

